

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Aline Chaves Porto

**A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: SUA INFLUÊNCIA NAS APRENDIZAGENS DOS
ESTUDANTES**

**Porto Alegre
2015**

Aline Chaves Porto

**A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA: SUA INFLUÊNCIA NAS APRENDIZAGENS DOS
ESTUDANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Educação
Física da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito parcial
para obtenção do grau de Licenciado em
Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki

Co-Orientadora: Andressa Ceni Lopes

**Porto Alegre
2015**

Aline Chaves Porto

A construção da relação professor-aluno nas aulas de Educação Física: Sua influência nas aprendizagens dos estudantes

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano Bossle – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma se fizeram presentes durante minha formação, mas principalmente a minha família, que é enorme e que eu amo imensamente. Em especial agradeço a minha mãe e meu pai que me fizeram ser do jeito que sou e apoiaram todas as minhas decisões durante toda a minha vida, devo tudo a eles. Agradeço aos professores e a instituição ESEF- UFRGS por terem me proporcionado momentos de grande aprendizado, inclusive uma oportunidade de estudo na Faculdade de Coimbra- Portugal. Lugar que aprendi a amar com a ajuda de amigos incríveis que fiz, antes e depois de ir, que me deram apoio durante os dois anos de intercâmbio.

Agradeço também ao meu companheiro Marcos Cestari, que nunca me deixou desistir dando-me sempre palavras de conforto, me deixando confiante e a sua família que fizeram parte da minha vida acadêmica e pessoal, me trazendo momentos de imensa alegria, especialmente nessa fase final do curso.

Agradeço principalmente ao meu orientador Prof. Elisandro Wittizorecki, o qual me fez amar ainda mais o caminho que escolhi seguir, o de ser professora. Obrigada professor por todos os ensinamentos, pela paciência e força que me deste ao longo da minha formação. Nesse momento também gostaria de agradecer a minha co-orientadora Andressa Lopes, que me ensinou muito durante o meu estágio do Ensino Fundamental e colaborou na construção do meu trabalho de conclusão.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo compreender como a construção da relação professor-aluno pode influenciar as aprendizagens dos estudantes nas aulas de Educação Física. Procuro poder compreender como essa relação pode significar para os professores e alunos. A literatura sugere que é conhecendo seus alunos e construindo um ambiente favorável, de reflexão que o professor poderá proporcionar da melhor maneira o aprendizado, que é preciso ouvir seus alunos, pois o diálogo possivelmente é o melhor caminho para a solução dos incidentes. Para esta pesquisa a metodologia utilizada foi de abordagem qualitativa do tipo descritiva, e na coleta de dados foram utilizadas observações registradas através de diário de campo e entrevistas semiestruturadas. Participaram do estudo duas turmas de anos finais (6º ano) e seus respectivos professores de Educação Física. As escolas onde observei as aulas eram da Rede Municipal, localizadas na zona sul de Porto Alegre/RS. Foi possível compreender que os estudantes aprendiam mais do que os conteúdos que estava sendo desenvolvidos, eles aprendiam a se relacionar, tanto com colegas como com professores. Alcançar esse objetivo parecia ser comum a ambos os docentes: ensinar o estudante a se relacionar com situações de conflito, de limite com a própria corporeidade, com relação à corporeidade do outro, a suportar o erro do outro ou ainda, a própria frustração. Porque são muitas as relações que se entrecruzam nas aulas de Educação Física. Compreendi com esse estudo, que as relações são decisivas nas aprendizagens dos alunos, e que é importante a construção de uma relação sólida e de grande proximidade com o estudante, para que através do conhecimento sobre ele, seja mais simples lhe proporcionar aprendizagens de significado.

Palavras chaves: Educação Física Escolar. Ensino Fundamental. Relação Professor-aluno.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 1.1 PROBLEMA DE PESQUISA | 11 |
| 1.2 OBJETIVOS | 11 |
| 1.2.1 <i>Objetivo geral</i> | 11 |
| 1.2.2 <i>Objetivos específicos</i> | 11 |
| 2 REVISAO DE LITERATURA | 12 |
| 2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR | 12 |
| 2.2 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A APRENDIZAGEM..... | 14 |
| 2.3 A AFETIVIDADE E O DIÁLOGO | 16 |
| 3 METODOLOGIA | 19 |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO | 19 |
| 3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO | 19 |
| 3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES..... | 20 |
| 3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES | 21 |
| 3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES | 22 |
| 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES..... | 23 |
| 4.1 AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: CONTEÚDOS E GESTÃO DA AULA..... | 23 |
| 4.2 A COMUNICAÇÃO E OS INCIDENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. | 31 |
| 4.3 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E AS APRENDIZAGENS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA | 39 |
| 5 CONCLUSÃO | 47 |
| REFERÊNCIAS..... | 50 |
| APÊNDICE A – ENTREVISTA ESCOLA AMANHECER | 52 |
| APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA | 57 |

1 INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é compreender a influência da relação entre professor e aluno nas aprendizagens dos estudantes nas aulas de Educação Física. Foi a partir de minhas reflexões e experiências na realização do Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental que decidi estudar mais a fundo o referido tema. O estágio ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2014, em uma escola pública da Rede Estadual de Ensino Fundamental localizada na zona norte de Porto Alegre. Durante esse período, além de dar aulas para minha turma do 4º ano, que era composta por alunos de nove a dez anos, também observei as aulas dos colegas e assumi por alguns dias a turma do 5º ano de um colega, na qual eu desempenhava a função de apoio. O papel do apoio era observar as aulas do seu colega e, como o próprio nome sugere, apoiá-lo quando achasse necessário. Ele entraria na aula e eventualmente poderia auxiliar em determinadas situações em que algum aluno se machucasse, ou em alguma briga que ocorresse e até mesmo se um dos alunos saísse da aula. Enfim, o apoio tinha a finalidade de auxiliar o estagiário a seguir sua aula, sem grandes interrupções. Além de contar com esse auxílio, o apoio era o colega com quem mais poderíamos conversar e refletir sobre momentos da aula, por estar presente e atento a maiores detalhes do que ocorria.

Nesse estágio, percurso formativo obrigatório para a Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), estavam matriculados seis acadêmicos. Na chegada à escola foram disponibilizadas turmas dos anos iniciais, para que entre elas cada um dos estagiários pudesse escolher a sua e desenvolver a sua prática pedagógica. Durante a escolha das turmas, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, também tivemos a liberdade para decidir qual o colega que nos apoiaria durante nossas aulas. Como dito anteriormente, o apoio entraria na aula e eventualmente poderia auxiliar em algum conflito que surgisse. Além das aulas que ministrávamos para as turmas selecionadas e dos diários de campo¹ que fazíamos relatando os acontecimentos das aulas, também existiam reuniões, e nelas contávamos com a participação de todos os estagiários que

¹ Instrumento utilizado para registrar as situações observadas durante as aulas.

estavam matriculados na disciplina, e com a do professor regente e sua mestranda² que nos acompanhavam durante as aulas. Nessas reuniões relatava-se o que havia acontecido nas aulas, os problemas que surgiam e possíveis soluções para esses problemas, assim como realizávamos leituras de textos para nos auxiliar nas discussões. Considerava as reuniões muito importantes, pois foi onde mais refleti sobre minhas ações e foram elas que ajudaram na escolha do meu tema de ensaio. O ensaio era um trabalho realizado para apresentar ao final da disciplina de estágio docente, onde deveria abordar um assunto que mais tivesse nos chamado a atenção durante o estágio. Nele deveriam constar informações sobre a chegada à escola e como havia sido a docência até chegar ao tema escolhido, ao longo do ensaio era interessante trazer os diários de campo que fazíamos sobre as aulas para tornar claro a escolha do tema.

Quando iniciei o estágio procurei criar uma rotina com os estudantes da minha turma para que pudessemos nos entender melhor, por exemplo: eles me esperavam na sala e lá eu realizava a chamada. Conversávamos um pouco sobre como havia sido o final de semana, o dia anterior, se estavam bem ou incomodados com alguma situação e após essa breve interação íamos para as atividades que eu havia planejado. Durante as aulas procurei investir no diálogo professor-aluno. Sentia a necessidade de conversar com eles, pois entendia que o diálogo era o meu “aliado” para compreender os sentimentos que eles tanto expressavam em suas atitudes. Além disso, tentava que essa comunicação também se estendesse entre os alunos, onde eles dialogassem com os seus colegas. Desenvolver a comunicação aluno-aluno era uma tarefa trabalhosa e conduzir essa conversa exigia atenção, pois os alunos queriam muito falar e não tinham paciência para ouvir a opinião do seu colega. Uma das minhas prioridades era o momento final da aula. Fazia questão de sentar com os meus alunos, onde a aula estivesse ocorrendo, para conversarmos sobre como tinha sido o andamento das atividades e o nosso comportamento durante elas. Acredito que esse espaço tinha um significado positivo para eles, pois podiam expor suas opiniões não só para mim, mas para toda a turma.

As conversas ao longo das atividades também eram feitas para que eles entendessem bem os meus objetivos e para analisar o que estava provocando

² A mestranda estava em estágio docente da pós-graduação em Ciências do Movimento Humano (UFRGS).

resultados significativos, que fossem esperados ou não. Ter a impressão de que para algumas pessoas essa relação possa não ter importância me faz pensar mais sobre o significado de estar frente a uma turma composta por tantas vidas. Vidas que carregam histórias diferentes, complexas e que merecem ser ouvidas. Acredito na plena importância de conhecer seu aluno e saber fazer a leitura do que ele quer dizer através das diferentes maneiras que ele tem de se expressar e ter bem esclarecido que o que for feito e dito a respeito gera consequências deveras importantes para o desenvolvimento dos estudantes.

Assumir uma segunda turma por três semanas, em função do estado de saúde que impossibilitava meu colega, o qual era apoio, de dar as aulas, aliado as observações e minha participação como apoio que realizava durante as aulas dos demais colegas, me fizeram refletir. Notei que por mais que tivesse minhas estratégias e estivesse segura com elas, tendo algum grau certeza de que algumas até funcionavam, ainda sentia que faltava uma ligação entre eu e os educandos que pertenciam à turma de outro estagiário. O sentimento que me surgia era que se eu não estabelecesse um bom diálogo com os alunos de modo a compreendê-los, poderia provocar situações negativas durante as vivências das atividades, podendo vir a prejudicar suas aprendizagens. Nas aulas que desenvolvi com a turma do meu colega foi possível visualizar a necessidade da interação professor-aluno para conduzir da melhor forma todas as atividades e o que elas provocavam. Mesmo que eu soubesse como cada estudante era eu não tinha convicção no modo mais eficaz de agir com eles e me parecia que fazer isso da maneira errada poderia gerar diferentes consequências, e o que mais me preocupava era o comportamento deles. Tentei administrar essa relação de proximidade nas aulas que dei, mas tive medo de prejudicar o que o meu colega já havia construído, pois mesmo com modos parecidos de tratar os alunos, somos diferentes. Para melhor ilustrar o que foi dito anteriormente trago trechos do meu diário de campo que utilizei no ensaio realizado ao final da cadeira de estágio do Ensino Fundamental:

Aula 07/10/14 Fui até a sala da turma do meu colega e lá já começaram as reclamações da aula não ser de futsal. Conversei

com todos e lhes expliquei o motivo de eu estar ali para dar a aula e pedi a colaboração para que a aula fosse agradável. No final também houve uma falha na comunicação, eles entenderam que eu havia liberado para o lanche, mas eu não havia, por esse motivo acabamos ficando além do horário normal deles. Aula 14/10/14 Na segunda atividade os alunos se destacaram, o C reclamou um pouco da sua equipe, mas logo começou a colaborar. A N também reclamou um pouco da sua equipe e diferente do C não fez questão de jogar com quem estava ao lado dela e depois de muito pedir ela começou a passar a bola para as suas colegas. Estava com a expectativa de que a terceira aula que daria para os alunos da turma do meu colega não seria tão difícil, pois vínhamos de duas aulas onde a última foi bem sucedida, o início até correu como o esperado, mas aos poucos os alunos foram tomando atitudes que não condiziam com o nosso combinado, acredito que não atender ao pedido de uma Estagiária (professora), que não era a exatamente a que dava aula para eles, era mais natural do que atender e foi o que acabou acontecendo. Aula 21/10/14 Essa aula foi montada pelo estagiário responsável por eles, cheguei com as mesmas combinações que fiz no início da primeira aula, a da colaboração de ambas as partes. A segunda atividade começou bem, mas conforme as repetições iam acontecendo as reclamações dos alunos sobre o desempenho de alguns colegas aumentavam. Nessa aula aconteceu do C gritar com a A reclamando de seu desempenho e ela saiu da atividade e disse que não retornaria por ter colegas que não eram legais. Falei com o C para que ele pedisse desculpas e ele não quis, então pedi que ele saísse da atividade, nesse momento, novamente, pedi que a A retornasse para a atividade, pois seus colegas precisavam e queriam ela no grupo e o C ouvindo o que falei começou a debochar, fiquei muito chateada e pedi que ele se retirasse e fosse para a direção, mas ele se recusou. Normalmente na minha turma isso não aconteceria, primeiro que o nosso combinado é de ajudar os colegas e não reclamar deles e porque quando solicitados a se retirar por um momento da aula eles saíam e me esperavam para uma conversa. E aqui não estou comparando as turmas, até porque acho inviável, mas sim evidenciando o quanto a construção da relação professor-aluno é importante e implica sim nas aprendizagens, pois reflete na conduta que eles têm durante as aulas que podem proporcionar momentos de frustração ou de realização.

Portanto, em virtude do que foi mencionado e por tudo que pude experimentar no estágio, desde as leituras realizadas, as aulas e as reuniões que proporcionavam momentos de grande reflexão, passei a refletir e analisar como essa relação entre professor e alunos pode influenciar nas aprendizagens dos estudantes e como acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física na UFRGS são assuntos que seguem me motivando e me instigando a pesquisar e aprender mais sobre eles.

1.1 Problema de pesquisa

Frente ao apresentado o problema de pesquisa se constitui na seguinte questão: **como a construção da relação entre professor e aluno influencia nas aprendizagens dos estudantes nas aulas de Educação Física?**

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Compreender como a construção da relação professor aluno pode influenciar nas aprendizagens dos estudantes nas aulas de Educação Física.

1.2.2 Objetivos específicos

- Descrever a natureza dos conteúdos desenvolvidos, bem como os objetivos formulados pelo professor;
- Descrever os modos que o professor gerencia sua aula;
- Descrever como se estabelece o diálogo entre professor e alunos nas aulas de Educação Física;
- Compreender como o professor encaminha os incidentes durante as aulas de Educação Física;
- Identificar e compreender os principais elementos que influenciam a relação professor-aluno nas aulas de Educação Física;

2 REVISAO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Tratarei neste primeiro item como a Educação Física se desenvolveu no Brasil ao longo da história e como sua função dentro da escola foi desenvolvendo-se.

Bracht (1999), em sua publicação, quando analisa a constituição das teorias pedagógicas da Educação Física revisa de que modo à Educação Física foi se produzindo e foi se transformando historicamente. Então o autor nos convida a pensar que nos séculos XVIII e XIX a Educação Física cumpria um papel de educar o corpo para uma perspectiva nacionalista com a função de auxiliar na construção de corpos saudáveis e dóceis, e essa influência vinha por parte da instituição militar e da médica que tinham grande interesse nessa forma de educar.

Em sua narrativa Bracht (1999) relata que, por despertar preocupação quanto seu desenvolvimento, o corpo precisaria ser educado, para que dessa forma fosse possível uma educação corporal, logo uma educação do comportamento humano.

No Brasil, a Educação Física na escola recebeu influências da área médica, com ênfase nos discursos pautados na higiene na saúde e na eugenia, dos interesses militares e também, a partir do final da década de 1960, dos grupos políticos dominantes, que viam no esporte um instrumento complementar de ação. (DARIDO; SOUZA JUNIOR, 2010, p.13).

A Educação Física foi acompanhando as inúmeras transformações históricas que seguiam ocorrendo. Conforme Bracht (1999), fenômenos importantes cercavam os séculos XIX e XX, desde as mudanças que ocorreram do preparo do corpo com o objetivo de controlar a suposta máquina, como ele era considerado, para um cuidado que buscava o prazer corporal. O autor também apresenta as demais mudanças que surgiram com a o destaque da ginástica e logo após sua mudança para o esporte, que se apresentou para preparar gerações futuras com o objetivo de representar o país no campo esportivo. Contudo, conforme as mudanças foram ocorrendo, Darido e Rangel (2005) nos fazem repensar e refletir sobre como a Educação Física vem representando uma perspectiva pedagógica fundamentada na intervenção do professor. A proposta de cultura corporal de movimento apresenta-se

com o que se deveria ensinar em *Educação Física*. E para Soares *et al.*(*apud* DARIDO; RANGEL, 2005, p. 28)

O que se estuda nessa área são os conteúdos propostos historicamente para a Educação Física escolar no Brasil, valorizando as diferenças regionais: os jogos, os esportes, as ginásticas, as danças, as lutas e a capoeira, por ser uma expressão tipicamente brasileira. Assim, não só as regras, as técnicas a tática e o aprendizado desses conteúdos são o foco dos estudos, mas o contexto em que acontece sua prática.

Acredito que com todas as transformações que a Educação Física e seus objetivos sofreram, e que ainda sofrerão, está cada vez mais difícil de determinar as funções que ela ocupa dentro da escola, pois são diversas as maneiras como ela é vista. Tem quem afirme que ela é somente para proporcionar um momento de movimentação aos estudantes que estão tanto tempo presos dentro de uma sala de aula e quem a considera uma disciplina que oportuniza momentos de aprendizado, um aprendizado que vai além do rendimento esportivo ou lazer, que parte de conhecer bem o próprio corpo e de saber o seus limites. De acordo com Darido e Souza Junior (2003) vem ocorrendo mudanças e surgindo novas concepções quanto à Educação Física na escola, o modo como ela é era vista pelos alunos e professores, gerando transformações que aproximam a Educação Física da sua função escolar.

As aulas de Educação Física proporcionam momentos em que o sujeito desenvolve parte de sua identidade como cidadão consciente, responsável, crítico e criativo. Além disso, ela pode propiciar um ambiente favorável a aprender se conhecer e a conviver com o próximo através de vivências corporais e interações sociais. Betti e Zuliani (2002) afirmam que a Educação Física como parte do currículo escolar deve contribuir no auxílio aos estudantes de iniciá-los a prática da cultura corporal de movimento colaborando na formação como cidadão que irá utilizá-la de diferentes formas.

A Educação Física, partindo do objetivo em alcançar o conhecimento das manifestações que compõem a cultura corporal do movimento, desenvolve as formas de representação e compreensão de expressões expostas através do corpo. Tais práticas corporais vêm contribuindo acentuadamente para a formação de sujeitos capazes de construir sua sociedade. Sendo assim, se faz necessária a atuação do professor para auxiliar o estudante, para que possa junto com ele alcançar esses objetivos e outros que possam surgir. E possivelmente será através

da interação professor-aluno que se construirá um caminho eficiente até a prática pedagógica (Educação Física). A partir disso, no capítulo a seguir trato da relação professor-aluno e a aprendizagem e como eles juntos podem se tornar eficientes.

2.2 A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO E A APRENDIZAGEM

Nesta seção apresento a relação professor-aluno e como ela pode ser significativa nas aprendizagens dos estudantes.

Segundo Darido e Rangel (2005, p.108) “a relação professor-aluno caracteriza-se por envolver ações sociais que se orientam pelas ações dos outros”. Existem diversos fatores que influenciam no bom relacionamento construído entre professor e aluno, um deles é o modo que o professor se porta frente aos estudantes. Em seu estudo, Santos (2001) conclui que é conhecendo seus alunos e suas principais necessidades que os professores podem desenvolver o ensino respeitando suas características individuais e o modo como aprendem, assegurando sua eficiência como educador. Acredito que observar seus alunos e tentar compreender o que lhes atingem, ser capaz de fazer a leitura do que querem dizer mesmo quando eles não conseguem falar ou quando só se expressam corporalmente seja um bom início para se construir uma relação.

Utilizar o tempo da aula para inteirar-se do que acontece no dia a dia do aluno pode, em longo prazo, proporcionar benefícios para a aprendizagem do aluno. Segundo Alves (2011) a preocupação com o cumprimento do conteúdo curricular acaba sendo o objetivo principal de alguns docentes. E que por vezes ignoram o fato da indisciplina ou desinteresse de seus alunos demonstrados em seu mau comportamento durante as aulas. Acredito que a partir do conhecimento sobre como é o seu estudante, o professor poderá proporcionar um ambiente de aprendizagem mais agradável e prazeroso a ele. Entendendo o porquê do modo como o estudante reage a determinadas situações pode ser um facilitador até no momento de aproximação para uma conversa ou nos momentos em que é preciso lhe chamar a atenção para que esteja atento a sua fala.

Segundo Darido e Rangel (2005) a relação professor-aluno é imprescindível no processo ensino e aprendizagem. Uma relação de confiança, amizade e respeito pode influenciar no comportamento dos alunos e conseqüentemente nas aulas provocando uma série de benefícios para o professor e o educando proporcionando

assim uma aprendizagem satisfatória. Para Belotti e Faria (2010) antes o processo ensino-aprendizagem eram ações distintas, onde se tinha o professor centralizado com o papel de ensinar sem se importar com os questionamentos dos educandos e seus interesses. Acredito que em alguns momentos concentrar-se no que o aluno está aprendendo, e esquecer por instantes o que se ensinar ou da metodologia que se utiliza pode significar que a preocupação está principalmente com o estudante e não com seu próprio desempenho. Para Santos (2001, p.70) “[...] o ensino é visto como resultante de uma relação pessoal do professor com o aluno [...]”. O autor corrobora que se deve considerar o que o estudante está aprendendo ao exceder a preocupação do que se está ensinando ou a didática que utiliza.

A constante reflexão sobre seu modo de dar aula e sua busca pelas soluções dos conflitos diários no ambiente escolar proporciona benefícios para a relação professor-aluno (OLIVEIRA; GERZELI, 2008). Considero fundamental que na interação professor e aluno se construa uma relação de respeito, onde se estipulam combinações que facilitem o convívio social. Possivelmente desta forma se torne mais claro evidenciar a conduta que ambos têm durante as aulas, e que podem proporcionar momentos de frustração e de realização que impliquem em suas aprendizagens.

Darido e Rangel (2005) ressaltam que o possível sucesso que podemos vir a ter no processo ensino-aprendizagem ocorre em razão de uma boa interação professor-aluno. Certificar-se de que essa relação estará beneficiando os estudantes não é simples, mas baseando-me por experiências, passei a acreditar que, os professores que se mostram mais atentos e integrados aos alunos são os que têm uma melhor gestão da turma, e por consequência uma aprendizagem significativa. Possuir capacidade de transformação, o que por vezes, não é tarefa fácil de realizar e por instantes considerar o que o aluno necessita pode proporcionar momentos gratificantes e de exímio aprendizado tanto para o professor como para o aluno.

Partindo da ideia de como a interação professor-aluno mostra-se importante para uma aprendizagem significativa, apresento na seção a seguir a afetividade e o diálogo como aliados dessa relação.

2.3 A AFETIVIDADE E O DIÁLOGO

Penso que passar segurança e confiança pode ser um bom começo para a construção de uma relação afetiva entre educador e educando. Torna-se importante que, na relação entre professor-aluno, os aspectos cognitivos e os aspectos afetivos sejam considerados (VASCONCELOS *et al.* 2005). Considero que a escola, para alguns educandos, acaba sendo o lugar onde encontram afeto e atenção. Dependendo de como é a comunidade onde se encontra e como a escola articula, ela pode se tornar o local que o estudante passa parte ou o seu dia inteiro, socializando e convivendo com os colegas e professores.

Para a construção de uma relação saudável entre o professor e o estudante é preciso que se desenvolva a observação e o diálogo, que tratam ambos como iguais, sem retirar a autoridade do professor, colocando-os frente a frente como indivíduos que estão almejando o aprendizado. Em sua fala, Freire (1996, p. 113) afirma que:

Se, na verdade, o sonho que nos anima é democrático e solidário, não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a ferir com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele. Mesmo que, em certas condições, precise de falar a ele. O que jamais faz quem aprende a escutar para poder falar com é falar impositivamente.

Apoio-me em experiências, principalmente as do estágio do ensino fundamental, que para uma relação entre professor e aluno é preciso estar disposto a escutar. Desta forma produzindo uma tentativa de compreender o que se passa com o educando e assim orientá-lo da melhor maneira. Assim para melhor ilustrar minhas reflexões apresento pequenos trechos do ensaio que realizei ao final da disciplina de estágio no segundo semestre do ano de 2014:

Aula 21/08/14 *Fomos para sala, e lá conversamos sobre como tinham sido as atividades e o comportamento deles. Cada um falou um pouco o que aconteceu. Questionei se era bom quando alguém nos dizia que éramos ruins em alguma atividade ou quando não nos queriam no time, todos responderam que não era algo bom. A partir das respostas fiz um combinado com a turma. Então partindo desse pensamento fui criando uma rotina com eles de sempre ir buscá-los em sala, isso me permitia observá-los e reparar como estavam*

naquele dia, a partir do que observava procurava sempre perguntar como tinha sido o final de semana ou dia anterior à aula. Aula 09/09/14 A última atividade começou bem, mas o V foi escolhido para ir ao centro e chutou a bola forte nos colegas, pegou no D e eles se desentenderam (já vinham se “estranhando” nas atividades anteriores). Conversamos durante e depois da aula, perguntei se eles achavam legal ficar brigando no meio da aula e perder de fazer as atividades e se eles sabiam o porquê de eu sempre colocá-los em equipes opostas, o V me respondeu que era porque os dois não davam certo juntos e eu lhes expliquei que não. Expliquei que como os dois eram uns dois mais velhos e normalmente entendiam as atividades logo que eu explicava eu precisava deles para que me auxiliassem com os que tinham mais dificuldade. Pedi para que eles tivessem mais paciência com os colegas e que não brigassem porque precisava deles sempre atentos durante as aulas.

Freire (1996, p. 113) acredita que “o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. Os estudantes que possuem uma experiência bem sucedida com professores têm mais facilidade em dialogar e expressar o que sentem, assim como têm mais facilidade em compreender aquilo que o educador tenta lhe comunicar. Além disso, Darido e Rangel (2005) acreditam ser interessante que o professor construa um ambiente agradável e reflexivo para seus alunos e que se faça atento quanto ao modo de se portar diante dos estudantes. Aproximar-se da melhor maneira de seus estudantes leva tempo e é uma tarefa trabalhosa tanto para o docente quanto para o educando. Tarefa essa que pode se simplificar diante de um ambiente favorável ao convívio interpessoal, fazendo com que as adversidades encontradas não sobressaiam esse momento de dedicação à prática pedagógica. De acordo com o estudo realizado por Santos e Gerken (2010), alunos com dificuldades de relacionamentos interpessoais, quando aos cuidados de um professor que lhes acolhe afetivamente podem chegar ao sucesso escolar. O interesse apresentado pelo docente pode ser fundamental para que o discente sintasse a vontade para uma aproximação e manifestação de sua opinião.

Mesmo com a dificuldade que os estudantes por vezes têm em se expressar, é necessário que o educador tenha paciência e seja compreensivo, para que dessa forma se faça mais presente o diálogo. A comunicação entre professor e aluno deve ser um exercício diário durante as aulas e até fora delas. Freire (1996) acredita que o sujeito que fala e sabe escutar é o que demonstra a capacidade de controlar, mesmo no seu direito, a necessidade de dizer a sua palavra e também o gosto de expressá-la. É interessante que o docente escute os seus educandos de maneira

equilibrada, levando em conta o que ele tem para contribuir, sem considerar o autoritarismo, de modo que os instigue a se comunicar da melhor forma, seja como ouvintes ou quando discursam. Ainda na fala de Freire (1996, p.117), ele acrescenta que: “[...] quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda.”.

Para Vasconcelos *et al.* (2005) as relações afetivas professor-aluno e aluno-aluno que se constroem no ambiente escolar são valorizadas pela educação, porque a afetividade integra a base das reações do seres humanos. Alguns professores encontram dificuldade em trabalhar com o comportamento dos estudantes, seja ele de inquietação ou indisciplina. Segundo Alves (2011) é necessário que o professor equilibre a sua autoridade, respeito e afetividade, mantendo suas regras e deixando claro o que espera dos estudantes, sem deixar de respeitar à individualidade e liberdade que cada um possui desenvolvendo assim a responsabilidade.

Estabelecer o diálogo é escolher a melhor alternativa para solucionar situações adversas (ALVES, 2011). Entendo que na busca da atenção, muitos estudantes acabam por extrapolar o limite da disciplina durante as aulas, às vezes por não saber se expressar e pela falta de alguém que lhes ensine a dizer o que sentem e o que estão precisando. Por este motivo é interessante que o educador além de cumprir o seu papel, de educador, sobre a prática pedagógica, esteja disposto a mostrar que a comunicação é possível. E que ele como principal indivíduo afetivo do relacionamento entre professor e aluno está disposto a ouvir e a também solucionar os conflitos que cercam as aulas.

3 METODOLOGIA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

O presente estudo caracteriza-se como qualitativo e do tipo descritivo. O ponto central do estudo descritivo consiste em conhecer a comunidade escolar que se investiga e descrever sua realidade e fenômenos (TRIVIÑOS, 1987). A pesquisa de corte qualitativo trata-se de um estudo realizado em um contexto particular e restrito, e está centrada na descrição, análise, na interpretação e discussão das informações levantadas durante a investigação (NEGRINE, 2010).

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

O estudo foi realizado em duas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS, localizadas na zona sul dessa cidade. Uma delas está localizada no bairro Santa Tereza e a outra no bairro Vila Nova. A escolha das escolas se deu devido o fácil acesso encontrado nas duas, uma pelo vínculo criado durante meu percurso no ensino fundamental, do segundo ciclo ao terceiro (5^a à 8^a série), e a outra por ter como mediadora, uma professora conhecida que intermediou o meu contato com os professores responsáveis pela mesma.

As duas escolas escolhidas estão localizadas próximas à periferia e de acordo com os professores, atendem as crianças da própria comunidade. Os estudantes, aparentemente, são de mesma classe social mostrando-se de baixo poder aquisitivo. Os nomes das escolas e dos colaboradores serão mantidos em sigilo de modo a preservar a identidade de ambos. Para melhor entendimento os nomearei com nomes fictícios. Nomeando uma de Escola Amanhecer e a outra de Escola Entardecer, nomeando os professores colaboradores respectivamente como o Professor A e a Professora E. As turmas escolhidas de cada escola foram turmas dos anos finais, especificamente turmas do 6^o ano, logo, como as escolas são cicladas³, são turmas que correspondem ao segundo ciclo. Escolhi esse ano para as

³ Escolas com sistema de organização em ciclos, que tem como objetivo a não evasão e um aprendizado que respeite o ciclo individual dos alunos e as características da faixa etária, facilitando a continuidade de suas aprendizagens durante os três anos de cada ciclo. Faixas Etárias: 1^o ciclo -

observações por acreditar que seria o melhor para responder aos objetivos da minha pesquisa. Os professores das turmas atuam nas escolas há mais de cinco anos, sendo que o professor A já trabalhou fora do âmbito escolar e a professora E atuou somente na escola.

3.3 INSTRUMENTOS E MATERIAIS NA COLETA DE INFORMAÇÕES

Em minha investigação utilizei da observação como principal instrumento de para obter as informações sobre a comunidade escolar que estava frequentando. “Um dos instrumentos de coleta de informação mais utilizados na pesquisa qualitativa é a observação, embora possa ser utilizada em diferentes perspectivas” (NEGRINE, 2010, p.64).

Para este estudo utilizei como ferramenta, para coleta de informações, a observação registrada através de diário de campo. “A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 173). O autor ainda afirma que a observação não é apenas para ver e ouvir, mas sim para também examinar os fatos ou fenômenos que se pretende estudar. Além disso, a observação segundo Negrine (2010) para que tenha objetividade e seja usada como coleta de informações, ela deve ser “contínua e sistemática” (p. 68) para os registros de fenômenos e comportamentos. Além disso, o autor acredita ser necessário que a observação seja intencionada, isto é, com objetivos já determinados e que seja “sustentada: guiada por um corpo de conhecimentos” (p. 69). Realizei onze observações em cada escola, o que me rendeu, aproximadamente, dezoito horas de observação.

Além da observação registrada em diário de campo, também utilizei a entrevista semiestruturada como ferramenta de investigação para complementar minha coleta de informações. A entrevista semiestruturada trata-se de ter questões estabelecidas anteriormente e que durante ela podem ser aproveitadas para explorar outros pontos. (NEGRINE, 2010). E segundo o autor, tornando possível dessa forma levantar tópicos que sejam pertinentes para a pesquisa. As entrevistas foram feitas

com o Professor A e com a Professora E, que eram responsáveis pelas turmas de sexto ano, as quais eu observava em cada escola.

| Nome | Escola | Tempo de Trabalho na Escola | Função |
|--------------|-------------------|-----------------------------|-------------------------------|
| Professor A | Escola Amanhecer | Cinco anos | Professor de Educação Física |
| Professora E | Escola Entardecer | Dezesseis anos | Professora de Educação Física |

3.4 PLANO DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Após conversar com meu orientador e co-orientadora entrei em contato por telefone com a escola Entardecer e marquei um dia para que pudesse me apresentar à coordenação e ao professor de Educação Física que observaria. Na escola Amanhecer fui diretamente, sem ligação prévia, e me apresentei pessoalmente para a coordenadora, nesse dia também conheci o professor de Educação Física que observaria. Posteriormente as apresentações, e esclarecimentos sobre do que se tratava minha pesquisa e qual era o objetivo do meu estudo, nas duas escolas me solicitaram um memorando que é fornecido pela SMED (Secretaria Municipal de Educação), o qual permitiria minhas visitas às escolas.

Na SMED foram solicitados alguns documentos para que pudessem me entregar o memorando, um dos documentos tratava-se da carta de apresentação feita pelo meu orientador Elisandro Wittizorecki, nela deveriam constar informações sobre o que eu faria na escola, se seria uma atividade com intervenção ou não e qual seria o tempo que eu permaneceria na instituição. Após algumas visitas à SMED foram me concedidos os memorandos que me permitiriam frequentar as escolas e fazer minhas observações nas aulas de Educação Física.

Ao final das observações marquei a entrevista com cada professor em um dia adequado para cada um. Para a coleta das entrevistas pedi aos colaboradores a

permissão de gravar nossa conversação para uma melhor obtenção das respostas, assegurando lhes que suas identidades seriam mantidas em sigilo.

3.5 TRATAMENTO DAS INFORMAÇÕES

Com o diário de campo em mãos e com as entrevistas transcritas, iniciei a fase de análise e discussão dos resultados. Nesta etapa, reli esses materiais e passei a identificar unidades de significado de modo a, posteriormente, agrupá-las e desenvolver categorias de análise e explicação que contribuam na construção de argumentos que respondam o problema da pesquisa. As categorias formuladas foram:

- a) As aulas de Educação Física: conteúdos e gestão da aula;
- b) A comunicação e os incidentes nas aulas de Educação Física;
- c) A relação professor-aluno e as aprendizagens nas aulas de Educação Física.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

4.1 *As aulas de Educação Física: conteúdos e gestão da aula*

Na seção a seguir analiso como os professores de Educação Física gerenciam sua aula e a natureza dos conteúdos desenvolvidos, assim como os objetivos apresentados pelos mesmos, de modo a melhor compreender os efeitos desses aspectos nas relações construídas nas aulas.

Logo no início do meu trabalho de campo pude observar que na Escola Amanhecer o Professor “A” de Educação Física estava envolvido, junto a outros professores, na organização de uma gincana que ocorreria na escola. Pelo que pude entender, a gincana contava com a participação das turmas de anos finais da escola, e entre elas estaria a B32, a turma de sexto ano que eu estava observando.

Ao longo das aulas percebi que os conteúdos mais desenvolvidos pelo professor, com a turma que eu acompanhava, eram os esportes coletivos. Nas duas primeiras semanas de observação, dois esportes coletivos tiveram bastante destaque. Foram realizadas atividades que envolviam o vôlei, trabalhando atividades como a troca de toques, manchete e saque, além da tentativa do jogo propriamente dito e também foram realizadas partidas de futsal. O vôlei e o futsal, assim como o ping-pong, a corrida e a apresentação de dança eram modalidades que aconteceriam na gincana da escola. O professor demonstrava estar decidido a treinar sua turma, principalmente nas competições coletivas, provavelmente por envolver um maior número de alunos. Seu principal objetivo durante essas semanas parecia ser o de preparar os alunos do sexto ano para as disputas da gincana.

Passada a gincana, que resultou em uma boa participação da turma que observava e que conquistou o terceiro lugar, o professor trabalhou com o tema basquete. Apesar de ser um conteúdo que pertence à mesma natureza dos que foram desenvolvidos anteriormente, a maneira como estava sendo abordado o basquete, parecia ser diferente. O processo pedagógico que o professor utilizava nesse momento permitiu entender que se tratava de um esporte pouco conhecido entre os alunos. O basquete foi apresentado aos alunos com o jogo dos cinco passes e nas aulas seguintes o professor foi desenvolvendo o drible, além de algumas regras, como por exemplo, a da área de jogo, em que o jogador deve estar com os dois pés dentro da quadra, mesmo com a bola sendo segurada no lado de

fora da quadra ela é considerada dentro de quadra. A diferença do modo como foram abordados os esportes coletivos aparece também nos seus objetivos. No vôlei e no futsal a preocupação do professor parecia ser alcançar o bom desempenho na competição (gincana) e no basquete o professor se mostrava preocupado com a aprendizagem dos alunos sobre o esporte. Isso fica claro quando em uma de suas falas, enquanto apresentava a modalidade, ele diz que os meses de outubro e novembro seriam para que os alunos aprendessem a jogar basquete.

Ao longo do trabalho de campo compreendi que o professor se mostra bastante a vontade com os esportes coletivos, pois ele transmite segurança em seu discurso e demonstrações dos gestos do esporte abordado. Em nossa entrevista pude confirmar isso que parece ser uma afinidade com os esportes coletivos. O professor relata que costuma trabalhar com o vôlei, basquete, futebol, handebol e que também esse ano estava desenvolvendo o *flag ball* com algumas turmas. O *flag ball*, segundo o professor, constitui-se em uma adaptação do futebol americano para a escola.

Para melhor ilustrar minha fala, trago trechos da entrevista realizada com o professor A durante minha pesquisa:

[...] com relação aos conteúdos eu sou bem tradicional. Eu trabalho os esportes coletivos e sei que os meninos têm uma identidade muito grande com futebol, mas eu tento equilibrar os esportes coletivos mais conhecidos que é o vôlei, o futebol, basquete e o handebol [...]. (Entrevista realizada com o Professor "A" no dia 20 de outubro).

[...] Esse ano comecei a trabalhar com o flag ball que é uma adaptação do futebol americano na escola. [...]. (Entrevista realizada com o Professor "A" no dia 20 de outubro)

[...] Então eu parto disso, daí com os menores, que não é o caso agora, mas eu também trabalho com os pequenininhos, eu trabalho com jogos e brincadeiras e exploração de material, exploração de movimentos, mas se vão surgindo coisas novas eu vou tentando trazer pra eles, mas basicamente eu fico nos esportes coletivos mais conhecidos [...]. (Entrevista realizada com o Professor "A" no dia 20 de outubro)

Na Escola Amanhecer, também tive a oportunidade de aprender que o gerenciamento da aula, como o professor conduz as atividades, as relações entre estudantes e as situações de incidentes, ocorrem com base nas ações do professor que serão apresentadas a seguir. O Professor "A" realiza a chamada no início da

aula, mas somente após ter a atenção de todos os alunos da turma. Ele faz isso no pátio quando pega os alunos depois do recreio e em sala, quando os alunos têm uma disciplina em sala no período anterior. Pude aprender que a chamada quando realizada no início da aula, faz com que os alunos estejam atentos para dar início às atividades.

Após a chamada, o Professor “A” costuma distribuir os materiais que serão utilizados nas atividades que ele programou. Enquanto os alunos estão nas atividades, o professor circula pelos locais onde elas ocorrem e creio que isso seja fundamental, devido a área disponibilizada para a Educação Física, que é bem ampla, porém com as quadras muito afastadas umas das outras. Isso acaba dificultando a gestão da turma, às vezes até para uma orientação ou *feedback*, pois o professor pode perder uma situação importante que ocorreu em um determinado grupo que estava na quadra de vôlei, porque ele naquele momento estava no grupo que jogava futsal. Durante a circulação do Professor “A” nos locais onde as atividades acontecem, ele costuma dar *feedbacks* para os alunos, onde ele corrige gestos, demonstra os movimentos corretos e por vezes participa da atividade.

Nesse período de observação notei que os alunos não ficam à vontade em situações em que o professor corrige algum gesto ou chama a atenção sobre maneira de execução de algum movimento incorreto. Contudo, quando o professor participa de algum jogo ou executa os movimento referente à atividade com os estudantes, a reação costuma ser positiva. Isso notei logo no segundo dia de observação da aula de Educação Física:

Duas alunas ficaram sentadas e o professor tratou de lhes colocar na atividade. Na sequência o professor sugeriu um jogo, os quatro alunos contra ele, os alunos aceitaram o desafio. (Diário de campo do dia 08 de setembro de 2015).

Observei também que, além da participação das atividades, a observação, o olhar atento do professor, a orientação individual e a interrupção da atividade são modos significativos no gerenciamento das aulas na Escola Amanhecer. Segundo Miranda (2014) a elaboração da identidade de quem está aprendendo também se constrói através da participação do professor em atividades com o aluno e de suas ações de reconhecimento. Os alunos dessa turma de sexto ano pedem por atenção de diversas maneiras e esse olhar atento por parte do professor, que por vezes

resulta em uma orientação mais individual, pode em determinadas ocasiões provocar diferentes consequências. Por este motivo, entendo que a observação e participação do professor sobre os alunos durante as atividades seja de grande significado, pois pode ser nesse momento que o professor busque estratégias adequadas para melhor gestão de sua turma. Como, por exemplo, quando ele permanecia próximo às atividades procurando ter uma melhor visão do que estava acontecendo. A seguir, apresento fragmentos do diário de campo que permitem ilustrar minha argumentação:

Após os alongamentos o professor deu início a corrida e no meio da rua [a aula de corrida ocorria em volta da escola] procurou um espaço onde observasse melhor a turma. (Diário de campo do dia 15 de setembro de 2015).

Durante as partidas o professor ficou todo o tempo ao lado dos alunos organizando e contabilizando os pontos do jogo. (Diário de campo do dia 21 de setembro de 2015).

O Professor “A”, por exemplo, quando necessário, interrompe as atividades ao perceber seus alunos agitados, com atitudes exageradas ou quando os alunos precisam de orientação sobre a execução das atividades; ele explica e as demonstra. Nos trechos a seguir, novamente apresento situações que me permitiram tais compreensões:

O professor durante um jogo feito em círculo passou em todos os grupos para dar feedbacks, corrigindo os gestos dos fundamentos de manchete e toque. (Diário de campo do dia 08 de setembro de 2015).

Os alunos começaram a bagunçar na fila: “Turma!” o professor parou o exercício para explicar novamente a atividade. (Diário de campo do dia 08 de setembro de 2015).

O professor parou novamente a atividade quando notou os alunos agitados e explicou como seria o momento do saque em uma competição oficial. (Diário de campo do dia 08 de setembro de 2015).

A condução mais flexível também me parece ser um dos modos como o professor gerencia sua aula, pois se trata de uma maneira para melhorar a atividade para os alunos, de forma que traga as atividades em partes como o aluno deseja, sem fugir ao que o professor pretende. Isso pode ser presenciado em um aspecto importante a se chamar a atenção, a “barganha”. Essa relação se mostra produtiva,

pois permite que o professor consiga emplacar determinados conteúdos e permite manter os alunos por um determinado tempo sob controle. O custo da “barganha” está ligado à negociação que ele faz com os alunos, como por exemplo, no dia em que ele ofereceu o final da sua aula com o combinado de que tudo ocorresse bem.

Se tudo ocorrer bem com as atividades de drible, posso liberar uns minutinhos do final da aula para jogar futebol. (Professor “A”, diário de campo do dia 19 outubro de 2015).

A maneira como o Professor “A” observa os alunos e busca explicar e exemplificar as atividades participando durante a aula me parece muito eficiente com os conteúdos que ele desenvolve. A presença do professor faz com que as atividades sejam mais tranquilas e a participação dos alunos torna-se maior.

A partir deste ponto analiso o gerenciamento da aula com base nos conteúdos desenvolvidos pela Professora “E” na Escola Entardecer. Nessa escola pude observar que foram desenvolvidos três naturezas de conteúdos, tais como: o atletismo, abordado através de caminhada, corrida e saltos; a luta que a professora trouxe em algumas aulas sem abordar uma específica, mas que junto com os alunos formulou regras para as lutas e, por fim; os jogos e brincadeiras. O conteúdo de jogos e brincadeiras foi predominante nas aulas e para ele a professora disponibilizava diferentes tipos de materiais. Durante a distribuição cada aluno ia apropriando-se do que lhe interessava mais e os que sobravam, a professora guardava. O conteúdo de jogos e brincadeiras envolvia a utilização de diversos materiais e os mais utilizados foram: os pneus para a corrida de pneus, as pernas de pau, o elástico para que os alunos pulassem elástico, o plinto para a realização dos saltos nos colchonetes, a cama elástica, algumas bolas (pouco utilizadas), as petecas e o jogo de xadrez.

Tratando-se de um conteúdo bastante amplo, foi difícil reconhecer quais eram os objetivos traçados pela professora para as aulas em que ela ocupava uma variedade de materiais. Somente na entrevista é que foi se esclarecendo o que a professora pretendia com as suas aulas. Na entrevista a professora relatou que quando começou a trabalhar na escola ela não tinha muita ideia do que poderia realizar com os alunos e que parecia que ela havia esquecido tudo o que aprendeu em sua formação acadêmica. Ela afirmou que questionar os alunos sobre o que eles gostariam de fazer nas aulas de Educação Física foi o que lhe ajudou, pois foi a

partir das respostas das crianças que ela passou a entender o que deveria desenvolver com os alunos nas aulas de Educação Física. A docente também narrou que os principais objetivos a serem alcançados seriam os de proporcionar a felicidade aos alunos e trazer aulas de acordo com as necessidades que eles apresentassem. Para exemplificar minha fala apresento um pequeno trecho da entrevista realizada com a Professora “E”:

[...] E comecei a pergunta pra eles, o que eles queriam fazer de Educação Física. A partir dali que eu comecei a me dar conta o que eu tinha que fazer na Educação Física. Aí comecei a me lembrar do professor Rui Krebs, que eu amava de paixão, ele é falecido, e ele falou assim: “Na Educação Física o que a gente tem que fazer, é fazer a criança feliz, a criança só tem que estar feliz, agora o tipo de atividade tu vai descobrindo com ela”. E realmente, ai tu fala ah verdade, ai tu tem todo aquele conhecimento do atletismo, toda aquela coisa lá, tu vai mudando conforme aquilo que a criança apresenta. (Entrevista realizada com a Professora “E” no dia 23 de outubro).

Também foi interessante observar como os alunos construíram uma rotina com a Professora “E”, e esse parecia ser mais um dos pontos chaves no gerenciamento de suas aulas. Todos os dias quando eu chegava à escola Entardecer, encontrava com boa parte da turma aguardando a professora no portão, que separava o pátio onde o recreio ocorreria da porta que dava acesso à secretaria. A professora normalmente ia ao encontro dos alunos no pátio e de lá se direcionava para o espaço onde ocorreria a aula. O espaço mais utilizado pela Professora “E” foi a Ludoteca⁴, ela tinha uma porta que permitia o acesso direto ao pátio. Ter uma sala próxima ao pátio favorecia o gerenciamento da turma principalmente quando parte dela usava os materiais fora da sala.

Na rua os alunos realizavam corrida de pneus e de perna de pau. E na sala os alunos saltavam nos colchões. (Diário de campo do dia 11 de setembro de 2015).

Outro aspecto que considerei fundamental nas aulas de Educação Física com a Professora “E” é que os alunos ajudavam na organização dos materiais que seriam utilizados na aula. A Professora “E” ia distribuindo os materiais e eles iam

⁴ Sala utilizada nas aulas de Educação Física que ficava ao lado do local onde guardavam diversos materiais: colchonetes, pernas de pau, arcos, pneus e etc.

arrumando conforme ela orientava. Entendo que isso seja um dos principais modos como ela gerenciava sua aula, pois desde o início ela contava com um aluno engajado nas atividades, que estava envolvido desde a organização do espaço, da construção de regras até a arrumação da sala ao final do período.

A professora procurava envolver os alunos na organização das atividades, ela demora um pouco mais, mas os alunos se envolvem desde o início. (Diário de campo do dia 14 de setembro de 2015).

Além de cooperar com a organização dos materiais os alunos também eram designados a ajudar em determinadas atividades. A professora encarregava os alunos de alguma tarefa lhes deixando responsáveis pela mesma. A seguir exponho um trecho do meu diário de campo para melhor ilustrar minha fala:

A professora supervisionava os colchões arrumando quando necessário e pediu que uma aluna escrevesse no quadro o nome de quem participaria. (Diário de campo do dia 25 de setembro de 2015).

Avalio como importante essa participação dos alunos na aula, pois isso pode provocar neles um sentimento de valorização, afinal eles participaram, desde o início, da construção daquele momento.

Conforme as atividades iniciavam a Professora “E” começava a circular entre os grupos que se formavam e dificilmente se via a professora durante muito tempo na mesma atividade. Ela transitava pelo espaço da aula e no grupo que ela parasse ela motivava os alunos para realização das atividades e os incentivava na realização do que fosse novo ou mais difícil. O incentivo vinha através de elogios, palmas e desafios.

Quando eles não querem participar de alguma atividade ela pergunta o porquê, e os incentiva até conseguir com que participem. (Diário de campo do dia 18 de setembro).

Durante uma das lutas a professora incentivava os alunos: “Vai, G !!!”. (Diário de campo do dia 18 de setembro de 2015).

Durante as atividades a professora demonstrava estar atenta ao que acontecia e quando necessário ela interrompia a atividade para passar orientações aos alunos de modo a favorecer o andamento da aula. “[...] Não há lugar privilegiado para o professor; antes, seu papel é auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo

da criança; se intervém, é para dar forma ao raciocínio dela [...]” (LIBÂNEO, 1987, p. 12). Em sua análise sobre a tendência liberal renovada progressivista, o autor também afirma que é a partir da consciência dos limites da convivência em grupo que a disciplina se estabelece e desta forma o aluno que se mostra disciplinado é aquele que participa e sabe conviver em sociedade respeitando regras. E que, além disso, para que ter um ambiente favorável é fundamental para um relacionamento saudável com os alunos.

Em um dos dias que eles organizaram o espaço para lutar com seus colegas a professora após observar uma situação que poderia gerar um conflito resolveu interromper a atividade:

A 1ª luta começou e a professora parece estar atenta aos alunos. Durante a luta a professora parou para discutir uma regra que não havia ficado bem clara, sobre até onde valia o tatame, depois parou novamente para falar que não valia beliscar o colega. (Diário de campo do dia 18 de setembro).

Este modo de gerenciar a aula que a Professora E utilizava me chamava atenção por estar ligado ao modo como ela transitava pelos grupos, ficando próxima, observando e conversando com seus alunos.

Ambos os professores criaram uma rotina com seus estudantes. O Professor “A” começava a aula com a chamada e isso marcava o início de sua aula, além disso, durante as atividades ele procurava ficar próximos dos alunos, observando suas atitudes e envolvimento com o que havia sido proposto. A Professora “E” criou uma rotina de maneira diferente, ela envolvia os alunos desde o início da aula fazendo com que eles participassem da organização dos materiais no início e no final do período, participando em alguns momentos na construção de regras para as atividades. A presença da Professora “E” também era importante devido sua proximidade com os estudantes. Os objetivos desenvolvidos por ambos os professores ficaram mais claros durante a entrevista, onde eles deixaram visível sua preocupação com o modo que os alunos se relacionavam. Ademais a Professora “E” esclareceu que um dos seus objetivos também era de proporcionar a felicidade aos estudantes.

4.2 A comunicação e os incidentes nas aulas de Educação Física

No decorrer do trabalho de campo, pude identificar a existência de diferentes formas de comunicação entre os estudantes e os docentes em ambas as escolas. Por isso, nesse capítulo me dedico a descrever e compreender como se estabelece a comunicação construída entre o professor e alunos nas aulas de Educação Física e como ele encaminha os incidentes que podem surgir nas aulas.

Em meu trabalho de campo na Escola Amanhecer identifiquei que a comunicação entre professor e estudantes se fazia presente nas aulas durante as atividades, principalmente nos momentos de explicação e demonstração das tarefas que o Professor “A” pretendia ensinar para a turma. No decorrer da aula quando as dúvidas surgiam, o Professor “A” se mostrava disponível para esclarecê-las. Ele procurava observar os alunos e quando questionado sobre o andamento das atividades, ele respondia e se necessário complementava demonstrando. A comunicação entre professor e alunos era baseada em assuntos e situações sobre a aula e em muitos momentos os alunos apresentavam dificuldades em ouvir o professor, além da dificuldade em se comunicar com ele.

O professor chamou as gurias, lhes chamou a atenção sobre a maneira que elas estavam pedindo o esporte (vôlei) e que poderiam ter se comportado melhor e pedido de outra forma. Após essa breve conversa ele liberou a bola. (Diário de campo do dia 08 de setembro de 2015).

Considero importante o diálogo ao longo das atividades, pois dessa maneira o professor deixa seus objetivos claros e aproxima os alunos, lhes mostrando o que gostaria que eles aprendessem com as práticas em aula. Cordeiro (2011) destaca que o modo como a comunicação se constrói durante a aula mostra o verdadeiro sentido do que se ensina e do esperado que o estudante conserve como aprendizado.

O pessoal que está de fora observa e presta atenção no jogo! O pessoal de fora está prestando atenção? Como funciona a marcação de pontos? Indagou o professor. Um aluno respondeu a questão corretamente e com clareza. (Professor “A”, diário de campo do dia 06 de outubro de 2015).

Durante minhas observações acompanhei o modo como o Professor “A” desenvolvia as atividades; enquanto ele explicava, os alunos pareciam não estar

concentrados em sua fala. Inclusive, em um dos dias de observação alguns dos estudantes ficaram conversando com pessoas que estavam do lado de fora da escola e o Professor “A” demonstrou sua insatisfação com a situação:

Já é difícil após o recreio, com pessoas de fora da escola ficando de arreganho⁵ e vocês ainda ficam prestando atenção no lado de fora. Vamos deixar o que acontece lá na rua e nos concentrar com o que acontece aqui. (Professor “A”, diário de campo do dia 13 de outubro de 2015).

Por este motivo acredito que a continuação da orientação para as tarefas se dava através da demonstração, pois essa era a maneira que os alunos se faziam atentos:

Após quicar a bola por um tempo o professor voltou à formação inicial (três filas), eles ficavam implicando uns com os outros durante a explicação do professor. E o professor chamou a atenção deles: “Galera, já tem barulho da outra aula, prestem atenção!”. O professor demonstrou como seria a atividade seguinte, ela era de competição. (Diário de campo do dia 19 de outubro de 2015).

Em algumas ocasiões era preciso que o professor deixasse claro, através de expressões e falas mais sérias, o momento para ouvir e falar, pois só desta forma ele teria a atenção necessária para sua aula. Por vezes, quando surgiam situações de reclamações ou atitudes que não condiziam com o momento de aula, o professor costumava apresentar um olhar mais expressivo de repreensão.

Uma das bolas foi para o telhado da construção onde fica o guarda da escola e um aluno subiu no telhado para buscá-la, uma aluna alertou o professor e ele a respondeu dizendo que ele foi pegar a bola. O aluno que tentava chamar a atenção no telhado, desceu após o professor lhe olhar seriamente. (Diário de campo do dia 08 de setembro de 2015).

Uma das alunas caiu durante a execução da atividade e uma delas que estava de fora começou a rir bem alto e sem parar. Todos olharam para ela e o professor olhou com uma expressão bem séria. (Diário de campo do dia 13 de outubro de 2015).

O docente costumava utilizar essa estratégia, principalmente, para sanções com alunos que estavam mais distantes ou nos momentos em que todos falavam ao mesmo tempo. Tal recurso pareceu-me um meio eficaz, pois o aluno advertido olhava para o professor e parava o que estivesse fazendo.

⁵ Expressão normalmente usada pelos alunos quando se referem à brincadeira.

Ao longo das aulas os alunos expressavam diferentes reações ao que era proposto nas aulas e na maioria das vezes pareciam querer chamar a atenção do professor. As atitudes que eles tinham de gritar, reclamar ou rir incontrolavelmente revelavam distintos sentidos para a aula, provavelmente, diferentes daqueles que o professor formula. Freire (1996) acredita ser preciso entender o sentido de uma expressão facial mais séria, do silêncio ou de uma expressão feliz através de um sorriso. Ainda na fala de Freire (1996, p. 97,) a aula [...] “é um *texto* para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito” [...]”. Acredito que se o professor procurasse engajar os alunos com assuntos e atividades que fossem mais atrativas para eles, conseguiria despertar maior interesse dos estudantes e com isso um maior envolvimento nas atividades propostas. Além disso, a comunicação entre eles ocorreria com mais efetividade, se fazendo presente para além das aulas.

As aulas de Educação Física, em função da natureza de atividades e ações com que trabalha, proporcionam situações de pequenos conflitos e desentendimentos que demandam atenção dos docentes. Pude acompanhar tais situações em meu trabalho de campo, já que na Escola Amanhecer elas ocorriam com certa frequência. Os incidentes mais comuns aconteciam entre os alunos, sobretudo através de desentendimentos que ocorriam devido as dificuldades de relação entre gêneros ou de comunicação entre eles.

Uma das meninas pediu para separar o futebol das meninas dos meninos, ela disse: “os meninos são ogros” (Diário de campo do dia 08 de setembro de 2015).

Um aluno tentava ganhar no ping-pong de uma das alunas da turma e ela reclamou: “Sor, o F não aceita quando eu faço ponto!” o professor então resolveu por repetir o jogo e chamou a atenção do aluno. (Diário de campo do dia 22 de setembro de 2015).

Pude aprender na Escola Amanhecer, que o professor procurava encaminhar os incidentes através do diálogo. Ele aproximava-se do aluno e lhe dava atenção, falando diretamente com o estudante sobre o que havia ocorrido ou o retirava da atividade para conversar e assim tentar mostrar qual seria a melhor alternativa para solucionar aquele pequeno desentendimento. Quando conversar com o aluno não resolvia, o professor o encaminhava para a direção, mas isso só ocorria em último caso. Em meu trabalho de campo só presenciei uma vez. A seguir apresento trechos do meu diário de campo que ilustram minha fala:

Um aluno reclamou e disse que ia dar uma bomba: “Bomba nada, reclama a falta se o professor não viu” disse o Professor “A”. (Diário de campo do dia 06 de outubro de 2015).

Enquanto outro ponto rolava, um aluno derrubou seu colega, o professor parou o jogo e o colocou sentado: “desde o início da aula tu estas batendo em alguém.” (Diário de campo do dia 13 de outubro de 2015).

O aluno reclamou de um colega que o bateu e o professor disse: “Olha as patifarias que vocês fazem e o tempo que perdemos” O aluno então disse: “Manda eles para a diretoria, sor!” e o professor lhe respondeu: “Não, tem que ser resolvido aqui, pois vai ser meu aluno ate o final do ano e quem sabe ano que vem” (Diário de campo do dia 13 de outubro de 2015).

Um dos professores da direção apareceu na quadra e o professor A pediu que ele retirasse os alunos. Foi a primeira vez que isso aconteceu. (Diário de campo do dia 19 de outubro de 2015).

[...] Normalmente eu faço, eu dou uma orientação ou dou um “xixi” (risadas) E assim, às vezes eu coloco, e eu acho que é o mais adequado, coloco a questão para o aluno. E coloco pra ele pra ele pensar, tentar examinar o que ele fez: Pensa, examina o que tu fez. Olha essa é a melhor atitude? Então, normalmente, eu tenho usado isso. (Entrevista realizada com o Professor “A” dia 20 de outubro).

Na entrevista, ainda que eu não tenha presenciado o Professor “A” comenta que utiliza outro recurso para manejar os incidentes que ocorrem. Ele investe em atividades com o objetivo de prevenir algum desentendimento que possa acontecer.

Já, fiz em alguns momentos com algumas turmas, algumas dinâmicas, e daí não no momento de conflito, mas dinâmicas no início de aula. Começar uma aula com uma dinâmica permitindo outra relação com o colega. Porque ao invés de falar: Oh nos vamos fazer isso pra que não ocorra tal coisa, então fazer uma... atitudes onde tenha toque com outro, contato com outro e atitudes de roda, de mão dada, de abraço, onde eles tenham contato físico. Onde é importante que ele tenha o cuidado com outro, então é uma dinâmica onde valorize isso, o cuidado com outro, sem falar no conflito depois que pode ocorrer. (Entrevista realizada com o Professor “A” dia 20 de outubro).

É importante estar preparado para encaminhar esses conflitos, mas é muito difícil de prever tudo o que possa acontecer ou saber como resolver todos os incidentes que ocorrem na aula. O Professor “A” também comenta como é complicado preparar-se para solucionar essas situações que são frequentes em sua aula.

A dificuldade maior é não saber direito o que fazer em algumas situações, que às vezes uma mesma situação consegui resolver bem num dia lá e no outro dia aconteceu a mesma coisa, mas porque eu não naquele dia estava com...não consegui resolver. Então é estar preparado o tempo inteiro para resolver situações de conflito, essas dificuldades de relação, é muito.. Eu acho que é a coisa mais difícil, estar concentrado nisso [...]. (Entrevista realizada com o Professor "A" no dia 20 de outubro).

A minha dificuldade às vezes é ter o tom certo para chamar a atenção, para dizer ou encaminhar, como encaminhar a situação. Então muitas vezes uma situação de conflito tu não sabe direito, às vezes eu altero a voz, falo num tom mais alto, às vezes tiro pra fala, às vezes encaminho para a direção, porque não consigo resolver, às vezes eu estou sem paciência também, aí não... Não tenho paciência mesmo porque esgotou por algum motivo [...]. (Entrevista realizada com o Professor "A" no dia 20 de outubro).

O Professor "A" deixa claro na entrevista como a dificuldade se apresenta para ele e que como professor, aprender como solucionar os incidentes é um exercício diário. Pois assim como em um dia foi possível resolver com sucesso uma situação difícil, em outro momento pode ser que o êxito que foi alcançado antes não aconteça novamente.

A partir de agora, apresento o modo como a Professora "E" estabelece a comunicação com seus alunos, na Escola Entardecer. Em meu trabalho de campo, pude aprender que ao longo da sua explicação sobre como funcionará a dinâmica da aula, a Professora "E" deixa bem claro que naquele momento ela precisa ser ouvida e ela tenta esperar o silêncio para passar suas orientações. Além disso, durante as atividades a professora costuma circular no espaço em que os alunos estão e em alguns momentos ela se aproxima deles para conversar em particular com cada um.

Durante essa atividade de caminhada/corrida ela conversa em particular com alguns dos alunos e quando necessário lhes chama a atenção. (Diário de campo do dia 31 de agosto de 2015).

A professora disse que ia esperar todos ficarem quietos e calmos para seguir com as explicações. (Diário de campo do dia 14 de setembro de 2015).

Na aula quando os alunos faziam algo que não lhe agradava, ela tratava de lembrá-los das consequências que as atitudes deles trariam, principalmente na comunicação que eles tinham com ela.

A professora pediu que um aluno entregasse a bola de meia, pois jogavam uns nos outros, e ele a jogou para ela. A professora foi levando o aluno para sentar e lhe perguntou: “Tu não ouviu?” e ele lhe respondeu: “Ta, sora! Não faço mais.” Ela então lhe disse: “Agora eu não te ouvi.” E o colocou sentado. (Diário de campo do dia 09 de outubro de 2015).

Durante a atividade os alunos começaram a pular e a ficar deitados no colchão. “Dá licença! Vamos respeitar.” disse a professora. Um aluno retrucou e ela disse: “A é? Não vou escutar vocês também” (Diário de campo do dia 16 de outubro de 2015).

Outro aspecto importante na aula da Professora “E” é que ela procurava auxiliar os alunos, principalmente, os que estavam realizando a tarefa, mas também se mostrava disponível para os que não participavam efetivamente da aula. E foi nesse momento que observei o quanto ela é próxima de seus alunos e como no decorrer das aulas ela demonstrava conhecê-los bem, pois sabia exatamente o modo de aproximação com cada aluno. Mesmo quando os alunos só mudavam a maneira de se expressar e pareciam estar chateados com alguma situação, ela esperava o momento mais oportuno para conversar e tentar entender o que se passava com ele. A seguir, apresento trechos do meu diário de campo, que considero importantes, para ilustrar minhas interpretações:

Um dos alunos parecia muito ansioso e começou a se sentir mal e a professora conversou um pouco com ele, o mesmo se acalmou. (Diário de campo do dia 25 de setembro de 2015)

Ocorreu uma situação de estresse entre os alunos: “Ele tá mentindo, sora!” disse o aluno reclamando do colega que estava falando dele. A professora foi até ele e conversou o tempo todo abraçada nele (eu estava de longe e não foi possível ouvir a conversa) (Diário de campo do dia 16 de outubro de 2015).

Eles parecem ter dificuldade de relação entre eles, e por este motivo, durante a atividade um dos alunos saiu chateado. A professora perguntou se ele não queria sair para tomar uma água, pois notou que o aluno não estava confortável. (Diário de campo do dia 21 de setembro de 2015).

O aluno que saiu chateado retornou e a professora perguntou se ele havia melhorado, o aluno que estava com os olhos vermelhos sentou atrás da professora e ela fez um carinho em sua cabeça. (Diário de campo do dia 21 de setembro de 2015).

Sempre considerei importante conhecer os alunos com quem se trabalha, pois dessa forma descobre-se qual o melhor modo de se aproximar e poder lhe apresentar o que deseja que ele aprenda. Também tinha dúvida como agir com os estudantes que não participavam da aula, porque deixar o aluno de fora sem fazer nada, sempre me pareceu errado. Quando vi que a professora tratava esses estudantes, que ficavam sentados, da mesma maneira dos que participavam, fiquei preocupada. Essa preocupação foi passageira, pois não eram todas as aulas que os alunos não faziam as atividades propostas e o que a Professora “E” estava fazendo, era na verdade, respeitar o espaço deles, e assim, os deixava decidir o que lhes fazia bem naquele momento.

Depois de encaminhar as atividades, a professora sentou perto de três alunas que não estavam participando das atividades e conversou um pouco com elas. (Diário de campo do dia 16 de outubro de 2015).

A professora sentou novamente com as alunas: “Agora quero saber o assunto todo.” (Diário de campo do dia 16 de outubro de 2015).

As meninas apareceram e a professora questionou: “Fugiram de mim?” “Vamos arrumar o que fazer gurias!” (Diário de campo do dia 19 de outubro de 2015).

Além disso, em sua entrevista a professora deixa claro em como ela se preocupa com o bem estar do estudante. Mesmo quando se torna difícil agradar a todos:

A dificuldade, realmente é aquilo que acho que tu conseguiste ver, aquela disputa que eles têm entre eles, essa é a maior dificuldade. De tu ver como é que eles querem ser feliz, e tu tornar a felicidade para todo o grupo, mas aí é uma coisa ui, minuciosa. A maior dificuldade é achar o ponto deles né? Que realmente torna eles felizes num modo geral assim. Porque tu não consegue, né? Achar o que eles querem, o que funciona, às vezes eles: Ah eu quero isso. Eu quero aquilo. Mas chega na hora... É que nem acontece aqui: Eu quero isso, quero aquilo e chega na hora não fazem, mas não é bem aquilo que eles queriam, era uma coisa mais empolgante que de repente não chego na aula. (Entrevista realizada com a Professora “E” no dia 23 de outubro).

Quando a Professora “E” se aproximava dos estudantes, além da fala objetiva e firme, ela apresentava algumas maneiras bem marcantes de se comunicar: através do olhar e da expressão corporal. Em diversos momentos a docente utilizava da

expressão através do corpo, pois se o aluno estava tendo atitudes que eram inadequadas, ela se aproximava e se necessário ela o chamava para perto dela. Eu pude presenciar estes modos de se comunicar por diversas vezes em sua aula em situações como:

Durante a fala da professora os alunos conversam e fazem brincadeiras, a Professora “E” ouvia atentamente a palestra e às vezes olhava para seus alunos seriamente. (Diário de campo do dia 05 de outubro de 2015).

Durante a atividade a professora teve que chamar a atenção de alguns alunos: “Tu quer sair, F?” (Diário de campo do dia 21 de setembro de 2015).

Um dos alunos que estava mais para trás se deitou nas cadeiras e a Professora “E” sentou ao lado dele até ele se sentar novamente, depois ela saiu. (Diário de campo do dia 05 de outubro de 2015).

Em meu trabalho de campo também pude aprender como a Professora “E” encaminhava os incidentes que ocorriam nas aulas. Foram poucos os desentendimentos, mas os que presenciei, ela resolveu através do diálogo com seus alunos, lhes chamando sempre pelo nome e mantendo bem claro qual era o momento de parar com o que estavam fazendo.

Enquanto a professora organizava quem lutaria, os alunos começaram a lutar no colchonete e o aluno V começou a atrapalhar novamente. A professora lhe chamou a atenção e disse: “Quero conversar contigo!”, ele lhe respondeu: “São eles!”. (Diário de campo do dia 25 de setembro de 2015).

Quando os alunos começaram a falar todos juntos a Professora “E” disse: “Vamos ouvir!” com uma expressão mais séria. (Diário de campo do dia 05 de outubro de 2015).

Em outros momentos a professora apenas aguardava paciente e os chamava a atenção, para que a agitação que tomava conta do ambiente diminuísse.

Nesse momento uns três alunos brincavam de lutar, mas com um aluno que não queria. A professora viu e disse: “Sempre com essas ‘frescuras!’” E voltou a organizar o quadro com a atividade. Novamente o aluno a chamou e ela teve que lhes chamar a atenção dos alunos. Após a segunda chamada de atenção da professora os alunos pararam. (Diário de campo do dia 16 de outubro de 2015).

A docente também relata que muitas vezes, por conhecer os estudantes, ela poderia ter a família como aliada para resolver os incidentes dos alunos, mas que por vezes não é nem bom envolver a família, por saber qual vai ser o retorno dela.

Apreendi em meu trabalho de campo que ambos os professores apresentavam diferentes modos de se comunicar com os alunos, essa comunicação se dava através do diálogo, por expressões corporais, por meio dos olhares mais expressivos, que os dois professores faziam, e pela aproximação corporal, essa quem utilizava mais era a Professora “E”. Além disso, era a partir do diálogo que os professores solucionavam os incidentes que surgiam ao longo das aulas. Os professores das duas escolas observavam seus alunos e quando necessário aproximavam-se para conversar sobre o que havia ocorrido. O Professor “A” tentava mostrar aos seus estudantes o melhor caminho para resolver a situação em que o aluno tinha se envolvido. Nas aulas da Professora “E” não presenciei muitos incidentes, mas os que ocorreram foram solucionados através do diálogo individual, ela também fazia questão de lembra-los de que se eles não a ouvissem ela também não os ouviria.

4.3 A relação professor-aluno e as aprendizagens nas aulas de Educação Física

Meu esforço nessa seção é construir um balanço e uma reflexão sobre todo o trabalho de campo, sobre como eu aprendi com os professores, as escolas e os estudantes.

Nesse capítulo dedico-me a identificar e a compreender os elementos que influenciam na relação professor-aluno. Para tanto seguirei a mesma lógica dos capítulos anteriores de apresentar primeiramente a Escola Amanhecer e depois a Escola Entardecer. Destaco que não é meu objetivo estabelecer uma comparação entre professores e muito menos um julgamento de valor do que é melhor ou pior. Meu esforço, como foi ao longo de todo o trabalho, está em justamente entender como que em diferentes locais se constrói a relação professor-aluno e como isso influencia nas aprendizagens nas aulas de Educação Física.

Um das coisas fundamentais que o trabalho de campo me permitiu aprender é o modo como cada docente vai se produzindo como professor singularmente. Um aspecto que me parece evidente na relação que se estabelece

do professor com os estudantes é a identidade docente de cada um. Segundo Santos, Bracht e Almeida (2009, p. 157), “A identidade é um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão, como cada um se sente e se diz professor [...]”.

O Professor “A” está a mais ou menos doze anos lecionando, mas na Escola Amanhecer atua há cinco anos. Levando em conta seu percurso escolar e o seu modo de ser, ele vai produzindo uma identidade docente singular. O Professor “A”, a partir de sua participação ativa nas aulas procurava envolver os alunos quando eles por algum motivo demonstravam baixo interesse pela atividade.

O professor demonstrou a corrida e três resolveram correr. Era uma competição entre o trio e o que ganhasse, disputaria a final. (Diário de campo do dia 15 de setembro de 2015).

A competição animou os trios. Os alunos chamaram a atenção do professor para o que ele havia explicado mostrando que estavam atentos à explicação. (Diário de campo do dia 15 de setembro de 2015).

Na maioria de suas aulas, o professor entrava na atividade para demonstrar a maneira que os alunos deveriam executar a tarefa e isso fazia com que a dedicação dos alunos naquele momento aumentasse. Ele se fazia ativo nas participações e quando necessário orientava seus alunos conforme suas necessidades.

Os alunos jogam entre si o ping pong e o professor resolve entrar. Quando o professor participa os alunos se empenham mais e se motivam. (Diário de campo do dia 22 de setembro de 2015).

O professor foi jogar novamente e começou a orientar a aluna que estava jogando contra. (Diário de campo do dia 22 de setembro de 2015).

Todos os alunos queriam estar com o docente e esse envolvimento que ele adquiria por parte dos estudantes por vezes até resultava em pequenas reações de insatisfação, como no dia em que uma das alunas reclamou do professor estar jogando com alguns dos colegas e falou que ele deveria jogar com todos.

O professor começou a orientar os alunos que ele jogava contra, mas os outros alunos que estavam de fora começaram a reclamar, pois demorava mais. Uma das alunas disse: “Tu vai fazer isso com todo mundo!” e o professor lhe respondeu: “Não, só com quem está aprendendo.”. (Diário de campo do dia 22 de setembro de 2015).

Mesmo sendo mais reservado, o Professor “A” possuía com seus estudantes momentos de descontração e também de conversas. Por vezes nas aulas ele abordava assuntos de reflexão apresentando aos alunos situações que traziam os dois lados da relação professor-alunos. Pude presenciar um desses momentos, em uma aula que se iniciou uma discussão a respeito da educação que os alunos tinham. Ao longo do diálogo que acontecia entre alunos, o Professor “A” pediu para expor sua opinião sobre o tema em questão:

O Professor “A” pediu para dar o parecer dele e relatou que em alguns momentos a turma tem atitudes que não são corretas, mas que isso não significa que todos sejam mal educados. E professores também passam por situações que passam dos limites, que às vezes até a escola ou o próprio aluno podem lhe chamar atenção. Que às vezes o professor grita ou está sem paciência. (Diário de campo do dia 21 de setembro de 2015).

A maneira como o professor colocou os dois lados da relação, o do professor e o dos alunos, me faz refletir como, diante o papel que temos de ensinar, avaliamos os alunos a todo o instante, seja pelas suas ações ou falas e que dessa forma, por vezes, podemos esquecer que também precisamos nos avaliar. Avaliar nossas atitudes, o que e como falamos para os nossos estudantes.

O Professor “A”, durante suas aulas também gerenciava as relações entre alunos, e ele parecia se preocupar com o (des)respeito que se fazia presente entre eles, principalmente, tratando-se de respeitar o colega que estava aprendendo. Os alunos em algumas situações demonstravam não ter paciência com seus colegas que apresentavam mais dificuldades em realizar o exercício proposto e era necessário que o professor fizesse intervenções para que quem estivesse aprendendo, não se inibisse.

E se eu ainda não sei, não é recebendo um xingamento que vou aprender, pelo contrário, tem que apoiar o colega. Disse o professor. Ele encerrou o jogo do primeiro grupo com essa fala, devido à atitude de algumas alunas. (Diário de campo do dia 06 de outubro de 2015).

Construir essa relação com os estudantes significa conhecer a si próprio e conhecer os estudantes e, segundo o Professor “A”, isso é uma tarefa difícil a se cumprir. Em nossa entrevista ele relata o motivo dessa dificuldade para ele:

[...] isso que estou falando conhecer bem, nos que somos da educação da área que não é o professor referência aquele de primeiro plano, nos temos muitas turmas, né então eu, com muita turma... tu demoras... Então isso fica bem difícil para conhecer todo mundo. (Entrevista realizada com o Professor "A" no dia 20 de outubro).

O Professor "A" ao mesmo tempo em que reconhecia as dificuldades dos estudantes presenciava a conquista dos resultados positivos deles. Mostrava ser necessário estar seguro do que se pretendia desenvolver com os alunos e de deixar claro que ali o docente é autoridade da aula, mas no sentido de ser o responsável por aquele espaço com eles. O professor é autoridade e não autoritário. Libâneo (1987) em sua análise declara que ser autoritário é o modo de demonstrar preocupação em perder sua autoridade. E ressalta a importância em não confundir autoridade com autoritarismo. O Professor "A" acredita ser importante saber enxergar que o aluno também cria essa identidade, que o Professor "A" chama de autoridade, de estar ali para aprender, mas também para ensinar o professor.

[...] com toda essa realidade, tu tens uma gurizada que sofre muito, tem varias situações aí na comunidade. Isso aparece na escola, mas ao mesmo tempo tu vê que a maioria da gurizada eles têm, eles conseguem superar isso têm suas dificuldade de aprendizagens, mas conseguem superar isso e aparecem bem na escola, conseguem muitas coisas positivas. (Entrevista realizada com o Professor "A" dia 20 de outubro).

[...] e essa autoridade que a gente constrói para ter essa relação para que ele tenha essa, que ele entenda que o papel dele como um aluno que está aprendendo coisas com alguém que está ensinando. Que é um ensinando não necessariamente de que ele não sabe nada e eu sei tudo, é um ensinar que ele pode apresentar um mundo pra ele de um jeito, que ele possa aprender esse mundo, conhecer esse mundo, e eu acho que é isso assim, uma autoridade de professor responsável por um mundo para ser apresentado para um aluno, um mundo que tem todos os problemas seus erros coisa e tal, mas é um mundo que nos adultos construímos digamos assim e estamos apresentando para ele: oh é isso aí! E ele também vai construindo também digamos, não sei se é uma autoridade de aluno, mas ele se situar na condição de aluno, de alguém que esta aprendendo que até pode ensinar o professor, porque o professor vai aprender a se relacionar com ele, a dar aquela aula pra aquele, para aquela turma, mas conhecer cada, o melhor possível cada aluno e estar bem preparado, saber o que tu queres com a tua aula, com o teu trabalho é bem importante [...]. (Entrevista realizada com o Professor "A" dia 20 de outubro).

Considero importante esse reconhecimento que o professor tem do seu papel, mas também do significado que o aluno também tem nessa relação. De dar valor a história do aluno e contar com ele para também crescer como professor. Miranda (2014), afirma que o reconhecimento é um dos caminhos para se estabelecer a influência sobre a construção da identidade de quem está para aprender, porém apenas alguns atos de reconhecimento são aproveitados para tal sentido, uns com mais ou menos impacto. A seguir, trago o trecho da entrevista realizada com o Professor “A”, onde ele afirma acreditar que o modo como se estabelece as relações entre professor e alunos, pode sim influenciar no andamento das aulas.

Sim, totalmente. Se não tem um bom vínculo com o aluno, se tu não estás... Não tem uma boa relação com o aluno, ele não vai vê só tua aula, não é a atividade que ele está fazendo na aula. Ele está vendo aquele que está coordenando, se ele não te entende, não te vê como uma pessoa que possa chegar e falar as coisas, perguntar as coisas, ter uma dúvida e poder falar, e ter tranquilidade pra isso, para perguntar e para reclamar. Então não vai ter uma boa aula, te influencia e não vai aprender. (Entrevista realizada com o professor “A” no dia 20 de outubro de 2015)

A partir de agora apresento como a professora da Escola Entardecer foi se produzindo como professora. A Professora “E” trabalha em escola há mais ou menos vinte e nove anos e na Escola Entardecer está trabalhando a dezesseis anos letivos. Ao longo do meu trabalho de campo pude aprender como ela foi produzindo sua identidade docente singular. A docente, no decorrer de suas aulas, apresentou conhecer bem seus alunos, inclusive, de conhecer a história familiar deles. Durante as aulas foi possível conversar em alguns momentos com a professora, e me falou que por estar a tanto tempo na escola conhecia a maioria dos alunos e suas famílias. Ela mostrava-se uma professora presente, que possuía um bom envolvimento com a turma e que respeitava o momento que ali na escola eles tinham, de serem apenas estudantes.

Uma professora, de outra turma, passou por onde estávamos e parecia levar uma turma de primeiro ciclo. A aluna B31 perguntou para a Professora “E”: “Posso ajudar a sora a cuidar dos pequenos?” a Professora “E” respondeu: “Não! Tu tá fazendo essa aula, tá aqui para a aula e não para cuidar de criança”. (Diário de campo do dia 19 de outubro de 2015).

Após levar os estudantes até a sala, chamou um dos alunos para conversar: “Tu sabe direitinho o que é certo e o que é errado. Ta

ansioso, nervoso?” o aluno ouviu a professora e voltou para a aula sem responder. (Diário de campo do dia 05 de outubro de 2015).

No gerenciamento de suas atividades a professora parecia dedicada em reconhecer quando algum de seus alunos da turma conseguia superar a dificuldade de determinada tarefa e isso significava muito para o aluno, pois o deixava confiante e o aproximava mais ainda de sua professora. Durante meu trabalho de campo, também pude aprender que se os alunos tentavam algo novo, a Professora “E”, por conhecer o quanto eles eram capazes, os incentivava e através desse encorajamento a novas experiências, conquistava a confiança dos estudantes.

Os alunos saltavam e faziam um rolinho na sequência e a professora elogiava: “Muito bem” ela também batia palmas para eles. (Diário de campo do dia 16 de outubro de 2015).

Alguns alunos começaram a experimentar uns saltos nos colchões e a professora os incentivou, mas pediu que saltassem um de cada vez. (Diário de campo do dia 25 de setembro de 2015).

Por se envolver desse modo tão presente com os alunos e se apresentar de um modo tão receptivo, a Professora “E” tem a facilidade em manter um ambiente favorável, fazendo com que a aula seja significativa por ir além do que está estipulado em um plano de aula. A seguir, apresento fragmentos do meu diário de campo que considero oportunos para ilustrar minha fala, pois nesse dia presenciei uma aula em que a professora conseguiu aproveitar um episódio e trabalhar um conceito que perpassava aquela situação:

Ela fez uma votação para saber que atividade eles gostariam de fazer. Alguns alunos não gostaram da atividade escolhida e a professora explicou que houve uma votação e que a atividade ganhou e que todos deveriam participar, pois foi a escolha da maioria. A professora deu um exemplo sobre as eleições: “Eu não votei em fulano, mas não vou sair do Estado porque a maioria escolheu alguém que eu não escolhi.”. O aluno que demonstrou insatisfação com a escolha da atividade ficou reclamando e fazendo cara de bravo, mas resolveu participar e disse: “Só porque a sora mandou” e ela retomou: “Não mandei, é questão de entender.” (Diário de campo do dia 21 de setembro de 2015).

Considero importante o modo como a docente gerencia a relação que foi estabelecida com os estudantes, de poder levá-los, de certo modo, para fora da sala

de aula. Que os ensina através de exemplos, que os façam entender, como realmente funcionam as situações fora da escola.

Em meu trabalho de campo também observei que a relação entre professor e alunos se estendia a diversas turmas, a alunos que provavelmente já haviam tido aulas com a Professora “E”, mas que agora estavam sob o olhar de outro professor. A docente demonstra disponibilidade para os alunos de outras turmas e parece ser próxima a ele da mesma forma que é com os alunos que pertencem à turma de sexto.

Na maioria das vezes que ela passa, pelo pátio, ela chama a atenção de quem não está se comportando, mesmo que o aluno não seja o da turma que ela está no momento. (Diário de campo do dia 21 de setembro de 2015).

Em seguida a professora foi para perto de um aluno que pertence a outra turma. “ Como tá em casa?” “ Estão conseguindo arrumar, a F disse que não tinha queimado⁶ muito”. (Diário de campo do dia 19 de outubro de 2015).

Conversas sobre esses assuntos não seriam possíveis se antes a professora não tivesse construído uma relação que proporcionasse esse momento.

O modo como se expressam e como os professores mantem sua postura diante dos estudantes podem afastá-los ou aproximá-los e, segundo a Professora “E”, influencia nas aprendizagens. De acordo com Freire (1996), o modo com os alunos veem o docente pode ajudar ou não na realização do papel que desempenham. Além disso, o autor também afirma que, a visão que os alunos têm do docente é resultante das ações que o professor exerce e do modo como o estudante percebe tais ações. A seguir apresento trechos da entrevista realizada com a docente onde ela afirma sua opinião sobre como se estabelece a relação professor-alunos e os elementos significativos que influenciam as aulas:

[...] Eu acho que muito da personalidade, eu sou uma pessoa muito calma, eu tenho paciência de ouvir, a gente tem que ouvir eles. A gente não tem o costume, e atropela os alunos. A gente tem que ouvir eles.. ouvindo bem de pertinho, sabe aquele limite? Ultrapassa aquele limite da que a pessoa tem de chegar perto que é uns 30 40 cm que a pessoa permite, tentar ultrapassar aquele limite. Ficar mais

⁶ A professora ficou sabendo que a casa do aluno havia pegado fogo na semana anterior.

próximo. (Entrevista realizada com a Professora “E” no dia 23 de outubro).

[...] Da tua maneira, a que a gente é, a postura da gente, em relação a tudo, porque elas observam a gente do início ao fim, desde quando tu entra no colégio, até a hora que tu sai, sabem de tudo que tu faz dentro do colégio então tem uns que: Bah professora até tu? Uma coisa que eles não imaginam que tu possa dizer, que tu possa falar ou que tu possa fazer. Mas até tu professor? Porque eles sempre estão esperando que tu tenha uma postura, aquelas que, ah o professor é assim, aquela coisa quadrada. Eles não te enxergam diferente, eles colocam como uma orientação e aquela ali tem que ser. Mudou eles ficam: Ah!!”(Entrevista realizada com a Professora “E” no dia 23 de outubro).

Parece-me que o modo como os professores conduzem a relação professor-alunos é diferente, mas os objetivos que eles buscam alcançar são basicamente os mesmos e isso provavelmente aconteça dessa maneira por cada um ter a sua identidade docente singular muito caracterizada pelo percurso escolar de ambos.

A maneira que os professores “A” e “E” gerenciavam as relações com os estudantes reflete significativamente nas atitudes dos alunos, levando-os a aumentar sua dedicação e participação em aula, além dos professores aprenderem a se conhecer e conhecer melhor seus estudantes. A Professora “E” tinha um jeito diferente de fortalecer essa relação através do reconhecimento e encorajamento durante as atividades. Dessa forma ela conseguia trazer o aluno para perto dela, deixando-os confiante e em muitos momentos os tornando próximos suficientes para conversas sobre situações de casa, diálogo que talvez não fosse possível se não tivessem essa relação tão próxima.

Parece-me que o modo como essa relação vai se construindo e a proporção que ela vai ganhando, pode proporcionar um espaço significativo e de liberdade, onde o estudante se sente à vontade para dialogar sobre diferentes temas, levando-os por um caminho mais prazeroso de se aprender o que o professor anseia ensinar. Sustentar uma relação que abre espaço para a escuta da perspectiva do professor e dos estudantes pode influenciar positivamente na aprendizagem, pois os vínculos estabelecidos, possivelmente, ampliam as possibilidades de aprender sobre qualquer conteúdo ou valores e atitudes.

5 CONCLUSÃO

Durante a construção do meu trabalho foi possível compreender que os estudantes aprendiam mais do que o conteúdo que estava sendo desenvolvido pelos professores, eles aprendiam ao longo de todas as aulas a se relacionar, tanto com colegas como com professores. Esse objetivo parecia ser comum aos dois docentes: ensinar o estudante a se relacionar com situações de conflito, de limite com a própria corporeidade, com relação à corporeidade do outro, a suportar o erro do outro ou ainda, a própria frustração. São muitas as relações que se entrecruzam nas aulas de Educação Física. Compreendi com esse estudo, que é importante que se tenha construído uma relação sólida e de grande proximidade com o estudante, para que através do conhecimento sobre o aluno, seja mais simples lhe proporcionar aprendizagens significativas.

Em meu trabalho de campo, também pude aprender, como a noção de aprendizagem formulada pelos estudantes difere um pouco da noção de aprendizagem do professor e como isso reflete na maneira que se constrói a relação professor-aluno.

O professor chamou a atenção para o modo que a aluna quicava a bola. E ela não gostou “já era, já vim com ela até aqui”. O professor observou a reação da aluna e se aproximou e disse que só estava querendo ajudar ela a melhorar. Outra aluna disse: “Sor, ninguém gosta que chamem atenção na frente da turma. É passar vergonha.” “Não é passar vergonha é para aprender.” (Diário de campo do dia 19 de outubro de 2015).

A noção de aprendizagem para os alunos e o quanto a estratégia adotada pode promover a ambos, provavelmente, seja um dos principais pontos influentes na promoção da aprendizagem, pois dependendo de qual for o nível de relação construída com o aluno, determinadas abordagens podem não ser significativas de um modo positivo para eles.

Portanto, acredito que, de fato, as relações são decisivas nas aprendizagens dos estudantes, seja no sentido de criar condições ou às vezes de inibir os estudantes. A grande questão é equacionar essa distância de sentidos e significados em que os alunos atribuem para as aulas e para as aprendizagens e que em outros os professores guardam e projetam para as atividades. Conquistar o modo de ponderar e gerenciar o sentido de aprendizagem para ambos os lados da relação é

uma questão importante para quem vai se tornando professor, pois entender e trabalhar com essa distância entre aquilo que se projeta com o que o sujeito significa é considerável para a própria aprendizagem.

Em meu trabalho de campo pude aprender que os professores das duas escolas criaram uma rotina com seus estudantes. O Professor “A” marcava o início de sua aula com a chamada. Durante as atividades, adaptadas, de esportes coletivos ele procurava ficar próximos dos alunos, observando suas atitudes e envolvimento com o que havia sido proposto. A Professora “E” conservava uma rotina diferente, ela procurava envolver os alunos desde o início da aula. Ela fazia com que eles participassem organizando os diversos materiais que utilizariam naquela aula e ao final do período arrumando tudo em seu devido lugar, participando em alguns momentos na construção de regras para as atividades. A presença da professora “E” durante as atividades também era importante devido sua proximidade com os estudantes. Os objetivos desenvolvidos por ambos os professores ficaram mais claros durante a entrevista, onde eles deixaram visível sua preocupação com o modo que os alunos se relacionavam. A Professora “E” na entrevista relatou que um dos seus objetivos também era de proporcionar a felicidade aos estudantes

Pude perceber que ambos os professores comunicavam-se com seus os alunos de diferentes modos, a comunicação ocorria através do diálogo, por expressões corporais, por meio de uma olhar mais expressivos, que os dois professores faziam, e também pela aproximação corporal, essa maneira quem utilizava com frequência era a Professora “E”. Além disso, era a partir do diálogo que os professores procuravam solucionar os incidentes que ocorriam durante a aula. Os docentes das duas escolas observavam seus alunos e quando necessário aproximavam-se para conversar sobre o que havia acontecido naquele momento. O Professor “A” buscava expor para os estudantes o melhor caminho para resolver a situação em que o aluno tinha se envolvido. Durante as aulas da Professora “E” não presenciei muitos incidentes, mas os que ocorreram foram solucionados por meio de diálogo individual, além disso, ela fazia questão de lembrá-los de que se eles não a ouvissem ela também não os ouviria.

Outro aspecto importante é o modo como relação professor-aluno vai se construindo e à proporção que ela vai ganhando, pois a partir dela pode-se construir um espaço significativo e de liberdade, onde o estudante se sente à vontade para dialogar sobre diferentes temas, proporcionando um caminho mais prazeroso de se

aprender o que o professor anseia ensinar. Sustentar uma relação que abre espaço para a escuta da perspectiva do professor e dos estudantes pode influenciar positivamente na aprendizagem, pois os vínculos estabelecidos, possivelmente, ampliam as possibilidades de aprender sobre qualquer conteúdo ou valores e atitudes.

Destaco que, o que investiguei e escrevi não tem a pretensão de generalização, apenas são situações que pude acompanhar nessas escolas, nessas comunidades e com essa cultura escolar. Portanto, são importantes para a minha formação como professora de Educação Física e até podem ter alguma proximidade com outras escolas, mas que, ao fim, dizem respeito a este universo singular e certamente em outros espaços seria possível acompanhar outras configurações.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Bianca da Silva. Relações Professor aluno e a educação: Relação professor-aluno no processo ensino e aprendizagem. In: MACHADO, Carmen Lucia Bezerra; MANFROI, Waldomiro Carlos (Org.). **Caminhos do novo e as resistências**. Porto Alegre: Itapuy, 2011.
- BELOTTI, Salua Helena Abdalla; FARIA, Moacir Alves de. Relação Professor/Aluno. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v.1, n.1,p.1-12, 2010. Disponível em: <<http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdfs/salua.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2015.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE DIRETRIZES PEDAGÓGICAS. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, Bauru, v. 1, n. 1, p.73-81, set. 2002. Disponível em <<file:///C:/Users/HP/Downloads/1363-3914-1-PB.pdf>> Acesso em: 20 jun 2015.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>> Acesso em: 20 jun 2015.
- CORDEIRO, J. A relação pedagógica. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. **Caderno de Formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. v. 9, p. 66-79.
- DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de. **Para ensinar educação física: possibilidades de intervenção na escola**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2010.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. 26. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1987.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MIRANDA, Vanessa Helena Campos de. O professor como referencial da capacidade de aprendizagem. **Pátio: Ensino Médio, Profissional e Tecnológico**, Porto Alegre, v. 6, n. 23, p.26-29, dez. 2014.
- NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (Org.). **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: Alternativas Metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 61-99.

OLIVEIRA, Marisa Cristina Aparecida Manchini de; GERZELI, Juliana di Pietro. **A Relação Professor-Aluno e a (In)Disciplina:** sobre a prática pedagógica. 2008.

Disponível em:

<http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/PKXRnPf37BRkH9L_2013-5-10-16-47-25.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2015.

SANTOS, Sandra Carvalho dos. O processo de ensino-aprendizagem e a relação professor-aluno: a aplicação dos "sete princípios para a boa prática na educação de ensino superior. **Caderno de Pesquisas em Administração**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 69-82, jan. 2001. Disponível em: <http://www.regeusp.com.br/arquivos/v08-1art07.pdf> Acesso em: 26 ago 2015.

SANTOS, Núbia Zorzanelli dos; BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 141-165, abr. 2009.

SANTOS, Maricéa de Sacramento; GERKEN, Carlos Henrique de Souza. Em foco: A gestão das relações em sala e aula. **Revista Brasileira de Pesquisa Sobre Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p.108-120, ago. 2010.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Influências da cultura escolar no desenvolvimento de propostas co-educativas em aulas de Educação Física. **Revista de Educação Física**, São Paulo, v. 9, n. 3, p.143-151, set. 2003.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, marxismo. São Paulo: Atlas, 1977. 175 p.

VASCONCELOS, Alexandra Alves de *et al.* **A presença do diálogo na relação professor-aluno.** 2005. Disponível em:

<<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO/a presença do diálogo na relação professor-aluno.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2015.

APÊNDICE A – ENTREVISTA ESCOLA AMANHECER

Eu: Onde se formou e em que ano?

Professor: Na Universidade Federal de Santa Maria, em 1990.

Eu: Você já trabalhou em outras escolas, onde já trabalhou?

Professor: Eu já trabalhei como professor na Educação Física escolar eu trabalhei alguns anos em Florianópolis em São José-SC e 6 anos aproximadamente, e a 6 anos eu estou na rede e minha maior experiência era em academia anteriormente, principalmente natação e hidroginástica.

Eu: Tem experiência com atividades aquáticas então.

Eu: E há quanto tempo tu trabalha na escola?

Professor: Se eu for contar eu comecei em 93, eu já dei algumas aulas, mas ai fui pra academia. Logo depois eu trabalhei meio ano, deve ter alguns anos, ininterrupto na rede 6 anos, mas eu tive também 6 anos ininterruptos em SC.

Eu: E você sempre quis trabalhar em escola ou tinha mais interesse mesmo na área da academia e natação?

Professor: Após formado eu nem sabia o que eu iria fazer, daí eu fui pra escola, assim, porque foi o que surgiu, primeiro eu trabalhei com, não! Na verdade, primeiro assim, direitinho, com carteira assinada com vínculo foi no estado de SC, foi o que apareceu. E daí eu me assustei um pouco lá e daí eu fui pra academia mesmo. E eu não me sentia nem um pouco seguro, daí no final dos anos 90 (98) fiz um curso de especialização em Educação Física escolar na UFSC, daí eu vi que mesmo aqueles professores que tinham experiência em escola, eles também tinham muita dificuldades e não sabiam muito que fazer, ainda vinham daquela crise da Educação Física de não ter uma identidade da Educação Física em geral e principalmente da Educação Física escolar. Então eu percebi lá que era um pessoal que tinha muita experiência, e não sabiam o que fazer, então bom “eu to no mesmo barco que eles” e aí o que me instigou nesse momento foi uma visão política da educação, uma educação para transforma as pessoas, em última instância transformar a realidade se for possível. E daí isso me motivou a voltar. Não, a começar mesmo na Educação Física escolar.

Eu: Então da pra dizer que mais ou menos tu trabalha há uns 15 anos na escola efetivamente ou mais?

Professor: Não, acho que um pouco menos. É aproximadamente isso, aproximadamente 15 anos.

Eu: E Como foi a sua chegada aqui nessa escola? Há quanto tempo tu trabalha nela? 5 anos, eu comecei no E.L que é aqui perto. 20 horas lá e 20 horas aqui, ai eu consegui transferi as minhas 40h pra cá. Bom, eu trabalhava, foi através de concurso publico.

Professor: Nesse período um pouco antes de entrar no município, eu tinha entrado em 2009 em Dois Irmãos e em Gravataí, foram concursos que aconteceram juntos ai fiquei um ano lá e depois vim pra cá.

Eu: E como é pra ti trabalhar nessa escola?

Professor: Olha, eu gosto de trabalhar aqui, acho tem um grupo de professores bons, e a gurizada também, me dou bem e me identifico com eles.

Eu: Porque é um grupo bem específico da comunidade, todos moram aqui por perto!?

Professor: É uma comunidade que tem muitas dificuldades muitos problemas, da para dizer que é uma comunidade onde ela não tem os direitos básicos atendidos e isso se reflete muito na escola, então a gente vive no cotidiano da escola, isso

problemas. Então essa falta de ter os seus direitos básicos atendidos e daí isso entra tudo, né? Questão de saneamento, de espaços adequados pra lazer, saúde de qualidade e a própria educação escolar de qualidade, porque a nossa escola, a escola publica ela não tem investimentos, são poucos investimentos públicos, né!? Então tu já percebeu que a estrutura física da nossa escola é muito precária, e pra Educação Física mesmo nos temos o espaço físico amplo, mas os espaços não são adequados. Há riscos de acidente, o próprio ginásio ele é insalubre, infestado por pombas, tem um piso ruim.

Eu: E sempre foi assim, desde que eu estudei aqui não mudou muito.

Professor: Então assim tu tendo essa realidade, com toda essa realidade, tu tens uma gurizada que sofre muito, tem varias situações aí na comunidade. Isso aparece na escola, mas ao mesmo tempo tu vê que a maioria da gurizada eles têm, ã eles conseguem superar isso têm suas dificuldade de aprendizagens, mas conseguem superar isso e aparecem bem na escola, conseguem muitas coisas positivas, assim.

Eu: Para quem está começando o que sempre preocupa é o que trabalhar com a turma. Como você seleciona os conteúdos para a turma?

Professor: Olha, eu tento ser criar um bom vínculo com meus alunos, daí com relação aos conteúdos eu sou bem tradicional. Eu trabalho os esportes coletivos e sei que os meninos têm uma identidade muito grande com futebol, mas eu tento equilibrar os esportes coletivos mais conhecidos que é o vôlei, o futebol, basquete e o handebol. E daí eu acrescento jogos, fora os esportes, coloco outros jogos. Esse ano comecei a trabalhar com o flag ball que é uma adaptação do futebol americano na escola. Então eu parto disso, daí com os menores, que não é o caso agora, mas eu também trabalho com os pequenininhos, eu trabalho com jogos e brincadeiras e exploração de material, exploração de movimentos, mas se vão surgindo coisas novas eu vou tentando trazer pra eles, mas basicamente eu fico nos esportes coletivos mais conhecidos.

Até acho assim, eu gostaria cria uma identidade. Por exemplo, tem um trabalho realizado aqui na escola que já esta tendo certa identidade com a escola, faz uns 5 anos que tem, que é o grupo de dança gaúcha, que é um outro professor que trabalha. Então a gurizada já está se identificando, é um grupo grande tem cerca de 80 participantes. Eles estão se interessando muito, eu acho bem legal, mas eu não tenho formação nenhuma para trabalhar com dança, não me sinto em condições de trabalhar com dança, teria q ir atrás, teria que me formar de novo nessa área, mas seria um caminho para ir consolidando essa identidade. Por outro lado também penso assim, que poderia trazer, mas não trago, da cultura negra, por ser uma comunidade onde a grande maioria, todos nós aqui somos né? Afrodescendentes, poderia, acho que nós deveríamos ter esse compromisso de trabalhar com essa cultura, poderia trazer a capoeira outros ritmos dessa cultura, mas isso é só... na verdade eu não faço, nada disso. É algo que eu acho que deveria ser feito, mas não faço e quase ninguém faz na verdade, a gente até conversa em reuniões, mas não faz.

Eu: E quando você apresenta os esportes, quais os objetivos que apresentam maiores dificuldades de serem alcançados?

Professor: Olha, tem um pouco de dificuldade, principalmente com as turmas que eu estou começando e que ainda não trabalhei nas relações. Então eles têm muitas relações assim de conflito, né. E não quer dizer que seja a maioria da turma, mas alguns alunos da turma, eles conseguem, daí acabam atrapalhando. Exigem muita demanda muita atenção minha, então isso, principalmente para um início de trabalho de turma é mais problemático, mas ai depois eu procuro ficar com a turma mais 1

ano, tento organiza os horários aqui para ficar mais 1 ano, e daí depois com o tempo a gente já vai se conhecendo e daí eles já sabem quais são os combinados, então isso já vai se tranquilizando.

Então é colocado, um dos objetivos que é sempre colocado, todos os trimestres é a construção de relação de respeito entre os colegas, um respeito que tem a ver com: cada um tem o seu tempo de aprender, de entender que o outro pode errar que ele também erra e que temos que dar esse tempo para o colega, que daí tem a ver com a aprendizagem que a gente está desenvolvendo e com aquele outro respeito ao outro, do jeito de ser e outras questões, de não ter preconceito com o colega por algum motivo, mas a maior dificuldade que às vezes aparece é essa das relações, mas que com o tempo com as regras, os combinados vão ficando mais claras, a gente já consegue desenvolver um trabalho melhor. Tem alguns casos que vão ser, por exemplo, tu tens um exemplo de uma aluna que tu já viu em outras aulas, pouco tempo tu viste que ela manda o cara longe lá, tem alguns que é muito específico, esse talvez chegue lá na C30 e ainda vai estar desse jeito.

Eu: A relação professor-aluno leva tempo para ser construída. Qual a maneira que você acredita ser a melhor para construir essa relação com os alunos?

Professor: eu acho que daí a relação ela vai se dar. Tem várias coisas, uma delas é o meu trato com ele, e daí a gente pode começar, e pra começar bem aprender o mais rápido o nome deles, e daí pra se referir a ele pelo nome, então em quanto antes conseguir fazer isso melhor, a outra coisa é saber o que tu vai fazer na tua aula, então é tu ter a aula planejada e pra que ele sinta segurança aqui e ali como um professor que ele que tenha uma autoridade, um conhecimento que sabe que tem coisas para ensinar pra ele e que ele possa olhar pra ti com uma boa referência assim, olha ele é digno do meu respeito, digamos assim. Então isso facilita, vai ser importante, não é nem que facilita, acho que isso é fundamental, e essa autoridade que a gente constrói para ter essa relação para que ele tenha essa, que ele entenda que o papel dele como um aluno que está aprendendo coisas com alguém que está ensinando. Que é um ensinando não necessariamente deque ele não sabe nada e eu sei tudo, é um ensinar que ele pode apresentar um mundo pra ele de um jeito, que ele possa aprender esse mundo, conhecer esse mundo, e eu acho que é isso assim, uma autoridade de professor responsável por um mundo para ser apresentado para um aluno, um mundo que tem todos os problemas seus erros coisa e tal, mas é um mundo que nos adultos construímos digamos assim e estamos apresentando para ele: oh é isso aí! E ele também vai construindo também digamos, não sei se é uma autoridade de aluno, mas ele se situar na condição de aluno, de alguém que está aprendendo que até pode ensinar o professor, porque o professor vai aprender a se relacionar com ele, a dar aquela aula pra aquele, para aquela turma, mas conhecer cada, o melhor possível cada aluno e estar bem preparado, saber o que tu queres com a tua aula, com o teu trabalho é bem importante. E que ele perceba que tu sabes e que tu tenhas essa autoridade.

E outra coisa assim, isso que estou falando conhecer bem, nos que somos da educação da área que não é o professor referência aquele de primeiro plano, nos temos muitas turmas, né então eu, com muita turma tu demora... Então isso fica bem difícil para conhecer todo mundo.

Eu: Estabelecer uma relação de respeito entre professor e alunos não me parece fácil. Quais as dificuldades encontradas nas aulas em relação às atitudes dos alunos?

Professor: A minha dificuldade às vezes é ter o tom certo para chamar a atenção, para dizer ou encaminhar, como encaminhar a situação. Então muitas vezes uma situação de

conflito tu não sabe direito, às vezes eu altero a voz, falo num tom mais alto, às vezes tiro pra fala, às vezes encaminho para a direção, porque não consigo resolver, às vezes eu estou sem paciência também ai não... Não tenho paciência mesmo porque esgotou por algum motivo... Então essas coisas assim. A dificuldade maior é não saber direito o que fazer em algumas situações, que às vezes uma mesma situação consegui resolver bem num dia lá e no outro dia aconteceu a mesma coisa, mas porque eu não naquele dia tava com...não consegui resolver. Então é estar preparado o tempo inteiro pra resolver situações de conflito, essas dificuldades de relação, é muito.. eu acho que é a coisa mais difícil, estar concentrado nisso para ter isso assim, ne!? Bah, consigo sempre, sou poderoso.

Eu: Durante as aulas sempre surgem às reclamações, os desafios com os alunos. Como você costuma contornar/ manejar os conflitos que surgem nas aulas?

Professor: Normalmente eu faço, eu dou uma orientação ou dou um "xixi" (risadas) E assim, às vezes eu coloco, e eu acho que é o mais adequado, coloco a questão para o aluno. E coloco pra ele pra ele pensar, tentar examinar o que ele fez: Pensa, examina o que tu fez. Olha essa é a melhor atitude? Então, normalmente, eu tenho usado isso, acho que poderia usar já, fiz em alguns momentos com algumas turmas, algumas dinâmicas, e dai não no momento de conflito, mas dinâmicas inicio de aula, começar uma aula com uma dinâmica permitindo outra relação com o colega. Porque ao invés de falar: Oh nos vamos fazer isso pra que não ocorra tal coisa, então fazer uma, atitudes onde tenha toque com outro contato com outro e atitudes de roda, de mão dada, de abraço, onde eles tenham contato físico, onde é importante que ele tenha o cuidado com outro, então é uma dinâmica onde valorize esse, o cuidado com outro, sem falar no conflito depois que pode ocorrer.

Então esse momento na verdade seria uma dinâmica, mas que eu não tenho feito ultimamente, mas já fiz, pra como se preparasse para ter boas relações. Mas eu acho que, isso é uma falha assim, ã deveria até ir atrás de uma pesquisar um pouco mais, estudar um pouco mais, isso que tu estas fazendo agora, esta escolhendo um tema que são as relações entre o professor e o aluno, mas ir atrás de material para estudar um pouco mais esse tema, para ir construindo ou pensando sobre isso né, ate para construir na pratica de que maneira tu pode construir boas relações, eu acho assim oh que eu consigo ter uma boa relação com os alunos, de modo geral eu tenho, um ou outro assim que me odeia (risadas).

Eu: Para você quais os principais elementos que influenciam na relação professor-aluno? Parece-te que o modo como se estabelece as relações pode influenciar o andamento das aulas? Como?

Professor: Sim, totalmente. Se não tem um bom vínculo com o aluno, se tu não estás... Não tem uma boa relação com o aluno, ele não vai vê só tua aula, não é a atividade que ele esta fazendo na aula. Ele está vendo aquele que esta coordenando, ã se ele não te entende, não te vê como uma pessoa que possa chegar pra ti e falar as coisas, perguntar as coisas, ter uma duvida poder falar e ter tranquilidade pra isso, para perguntar e para reclamar. Então não vai ter uma boa aula, te influencia e não vai aprender. Ele pode fazer uma boa influência na aprendizagem dele, ele está acreditando no trabalho do professor.

Eu: Nos meus estágios eu tinha essa preocupação. No primeiro estágio eu tinha medo de que os alunos não gostassem de mim.

Por isso que assim oh, eu tinha esse mesmo medo, esse medo de não gostar de mim eu não tenho mais, eu tenho às vezes uma... mas eu tinha esse medo aí o que que acabava acontecendo eu era muito, em muitos momentos, muito permissivo, deixava assim. Eu estava me dando conta que eram diferentes vontades, diferentes desejos e eu não tinha como agradar a todos esses desejos. Porque eu ia, alguém não ia gostar de mim, se eu fosse de acordo com os desejos, digamos assim, pra ãã..pra conquistá-los. Então por isso que eu acho que todos os momentos que eu, por isso que eu acho importante saber o que tu queres o que tu vai fazer e acho que está por aí, pra tua construção desse vínculo pra que tu possa brincar quando tem que brincar e exigir: Não, agora é o seguinte, agora eu estou falando, estou explicando e não tem como explicar pra ti se tu está falando ao mesmo tempo. Dá tem que falar num, e aí eu tenho esse jeito de falar, não que tu tenha, né!? Depende do teu jeito, tu vai falar com delicadeza, mas o meu jeito de falar é esse, mais duro mais sério, mas eles também por outro lado eles sabem que tem o outro momento vai ter um abraço, uma risada, vai ter a piada, vai ter a aula livre, mais solta são poucas mais tem né. Mas eu ia falar outra coisa eu ia tinha outra coisa coisinha que eu não sei de repente depois.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Onde se formou e em que ano?
- 2) Aonde já trabalhou (experiências previa)?
- 3) Há quanto tempo leciona? Sempre quis trabalhar na escola?
- 4) Há quanto tempo trabalha na escola?
- 5) Como foi a sua chegada à escola?
- 6) Como é trabalhar aqui?
- 7) Para quem está começando o que sempre preocupa é o que trabalhar com a turma. Como você seleciona os conteúdos para a turma? E quais os objetivos que apresentam maiores dificuldades de serem alcançados?
- 8) A relação professor-aluno leva tempo para ser construída. Qual a maneira que você acredita ser a melhor para construir essa relação com os alunos?
- 9) Estabelecer uma relação de respeito entre professor e alunos não me parece fácil. Quais as dificuldades encontradas nas aulas em relação as atitudes dos alunos?
- 10)Durantes as aulas sempre surgem às reclamações, os desafios com os alunos. Como você costuma contornar/ manejar os conflitos que surgem nas aulas?
- 11)Para você quais os principais elementos que influenciam na relação professor-aluno? Parece-te que o modo como se estabelece as relações pode influenciar o andamento das aulas? Como?